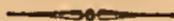


# A ESTATUA EQUESTRE.



## OPUSCULO-POLITICO-HISTORICO

SOBRE FACTOS

DA

INDEPENDENCIA DO BRAZIL,

NOS REINADOS DE SS. MM.

**EL-REI O SR. D. JOÃO VI,**

E O IMPERADOR

**O SR. D. PEDRO I,**

POR

Um Veterano.



**BAHIA:**

TYP. DE ANTONIO OLAVO DA FRANÇA GUERRA.

Rua de Tira-Chapéu n. 3.

1862.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

CONGRESSO NACIONAL DO BRASIL

BRASÍLIA

1974

SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO

AV. BRASÍLIA, 3030 - FONE: 3063-1000

DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO

SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO

BRASÍLIA

1974

SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO

**BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL**

Este volume acha-se registrado

sob número 123-F

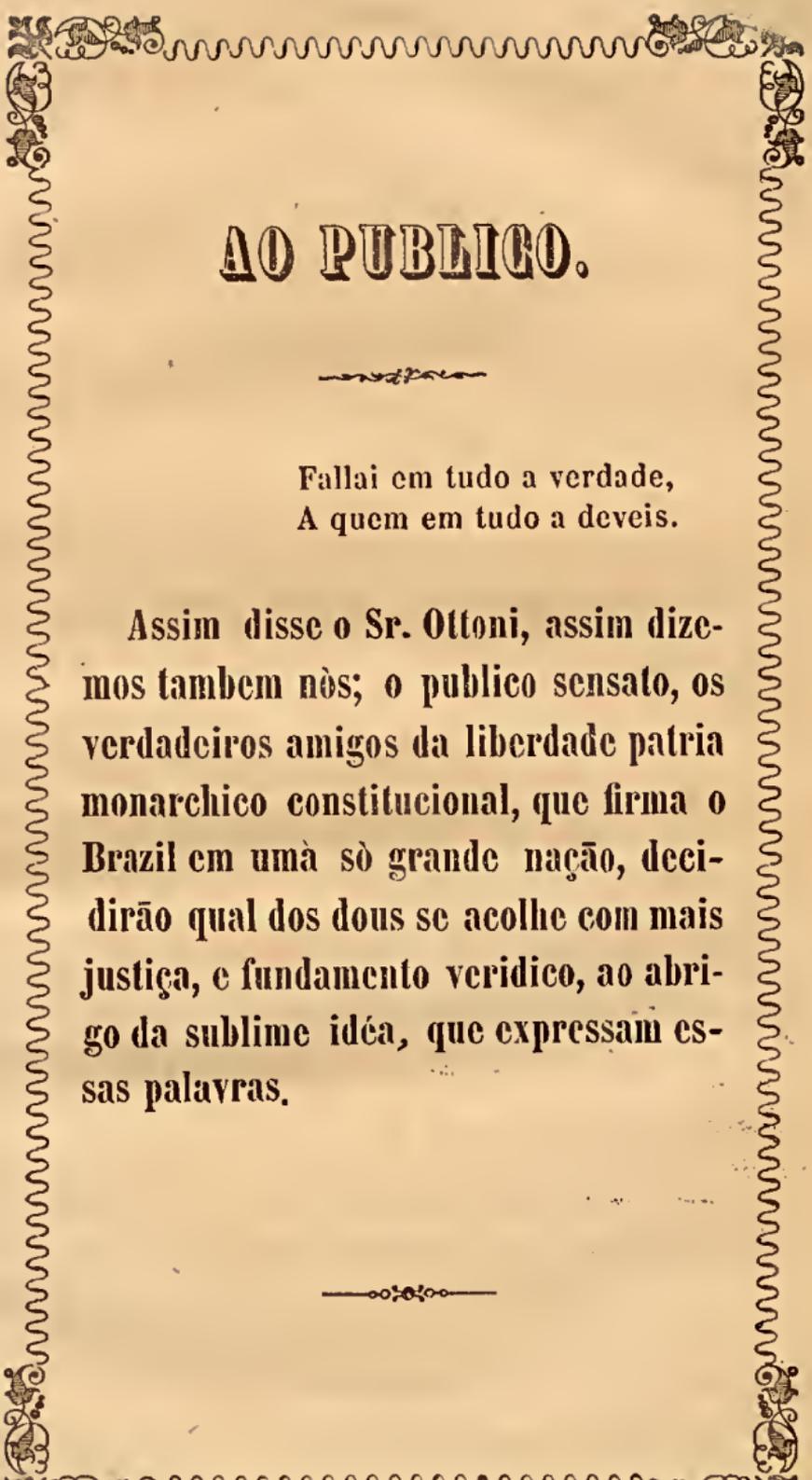
do ano de 1974

BRASÍLIA

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO

1974



# AO PUBLICO.

---

Fallai em tudo a verdade,  
A quem em tudo a deveis.

Assim disse o Sr. Ottoni, assim dizemos tambem nòs; o publico sensato, os verdadeiros amigos da liberdade patria monarchico constitucional, que firma o Brazil em umà sò grande nação, decidirão qual dos dous se acolhe com mais justiça, e fundamento veridico, ao abrigo da sublime idéa, que expressam essas palavras.

---



---

## INTRODUÇÃO.

---

Faremos abstracção das engenhosas expressões com que o Sr. Ottoni—*na posição distincta onde a benevolencia popular aprouve collocar-o*— procura desculpar-se de não cumprir o mandato de seus nobres constituintes; desprezaremos o estylo alto sentimental, com que descreve o martyrio do seu patriarcha da independencia—Tira-Dentes—a arte com que confundindo causas, e effectos, e circumstancias, que encaminharam factos, sabe tirar consequencias falsas, assim formando a que é verdadeiramente epopéa, que o seu arauto de papel quer levar á posteridade; e pondo os olhos em Deos, e tambem Deos, e não a nossa mão na consciencia; narraremos a verdade, tocando os factos principaes, do fundador do Imperio, e do que lhe deu a independencia.

Tambem somos *«muito pequenino para em tal processo sermos o juiz,»* e tambem *«longe está de nós essa pretensão: só reclamamos a liberdade de articular a nossa defeza»* na qualidade de um veterano dessa luta que chamamos da independencia, em cujo caracter conscienciosamente tomamos parte, em tudo que diz respeito ao Heróe que seguimos, e nos commandou, e nos regeu, e só em quem achamos prestigio, e força para impedir de cahirmos no abismo a que nos hiam levando, as vertiginosas idéas dos republicanos do Brazil.

O heroico publico brasileiro, que uma parte contém ainda em si, dos que foram coévos de factos que citaremos, será o juiz.



# A ESTATUA EQUESTRE.

## OPUSCULO-POLITICO-HISTORICO

SOBRE FACTOS

### DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL.

---

#### PRIMEIRA PARTE.

#### I.

O Sr. Ottoni diz: que a inauguração da Estatuá Equestre, pretende resolver.

A quem deve o Brazil a sua independencia, proclamada em 7 de Setembro de 1822.

A Constituição jurada em 25 de Março de 1824.

Sentenciar o acto da virilidade popular, que em 7 de Abril de 1831 transferio a corôa imperial, para a Augusta cabeça do Sr. D. Pedro II.

Nesta parte diremos, por amor da verdade, e por defeza da maioria do povo brasileiro, que essa virilidade pareceo existir, por não ter querido derrubal-a o Sr. D. Pedro I; porque muita gente lhe ficou fiel, e os corpos que formaram no campo de Sanct'Anna, pela maior parte não souberam ao que iam: foi uma sedição, que quiz impedil-o de acto que lhe competia pela constituição, e é o que o monumento tem de sentenciar.



A transferencia foi effeito da abdicção, provavelmente causada por esse movimento e outros.

Diz mais que o momento significa:

1.º Que a independência de 1822, foi uma doação do Monarcha, cujos Augustos Descendentes imperam sobre os dous reinos, em que se dividio a familia portugueza.

2.º Que a constituição foi, senão uma outorga do direito divino, ao menos espontanea concessão do Principe, e documento da sua adhesão ás idéas liberaes.

3.º Que o dia 7 de Abril de 1831 foi um crime de rebelião, de que o Brazil constricto deve pedir amnistia, anulando por injusta a sentença que lavrou n'aquelle dia contra o primeiro reinado.

E tudo isto que é verdade, é o que queremos demonstrar.

Em primeiro lugar diremos, que em 1822 o que se fez, foi uma reivindicção da independencia que já tinhamos adquirido, de facto o de direito, da qual uma facção das côrtes de Lisboa, abusando da nossa boa fé, nos queria espoliar, e para restaurarmos, a qual nos separamos de Portugal.

A independencia foi feita em 1808, pelo grande Rei cuja Augusta Dinastia reina nas duas nações; publicada em Lisboa, quando o Sr. D. João VI declarou passar-se para o Brazil, verificada no dia feliz em que pisou terra brazileira na cidade da Bahia, e consumada, quando abertos os portos a todas as nações civilisadas, o Brazil foi elevado á cathegoria de reino, entrando assim na antiga grande monarchia,

*momento = 2 sustentáculos*

de Portugal, Brazil, e Algarves, com iguaes direitos politicos, como a Mãe-Patria.

Porquê não tendo chegado ainda a occasião em que o Brazil tivesse podido sacudir o jugo de colonia, como tinham feito outras, usando do direito natural de procurar o seu melhoramento, a sua liberdade; recebeu essa emancipação, essa porção de direitos politicos, do poder que os podia conferir, conforme estava estabelecida a monarchia, conforme os direitos, e poderes em vigor da corôa, o dominio do Sr. D. João VI.

Por esse facto deixamos de mais ser governados pelo sistema colonial, que antes tinhamos, ficamos emancipados, independentes de outra qualquer parte da terra, de qualquer governo, senão do nosso que ficamos possuindo dentro de nós.

E que era tanto nosso, tanto nossa nacionalidade, como de Portugal; porque nós não eramos como por exemplo, a Hungria, a Polonia, etc. um povo conquistado; e sim os descendentes, os filhos legitimos, directamente oriundos, como os que existem em Portugal, daquelles herôes que no campo de Ourique, crearam a monarchia, e acclamaram o primeiro rei.

Aqui o que existia, era a circumstancia de ser a monarchia extensa, devidida; e de nós uma porção mais moderna, fundação do antigo reino, e sua colonia, não possuirmos a presença do Chefe Supremo, e sermos governados com os embaraços, e as injustiças, que tem soffrido todas as colonias, de quem as Mães-Patrias, pelo direito da fundação, querem

tirar todo o partido em seu proveito, e conservar de baixo do seu jugo.

De sorte que, senão tivessemos tido a fortuna da chegada do Augusto Sr. D. João VI., o Brazil engrandecido, teria de prover á sua emancipação, e liberdade; separando-se, e creando um governo seu.

E de certo assim teria acontecido, se com a revolução da Europa, deixasse de ter havido a sabia, illuminada resolução, do gabinete do Sr. D. João VI., que operou a transferencia da côrte.

Porque ou o Brazil teria de soffrer ataques de novos inimigos que Portugal adquerisse, e na precisão de defender-se, e com a impotencia então de Portugal de soccorre-lo, surgeria depois separado; ou mesmo sem isso, interrompidas as relações, e elle de baixo da influencia das idéas do seculo, e do exemplo de toda a America, que sacudia o jugo europêo, do mesmo modo que as colonias hespanholas se libertaram da Hespanha, o teria elle feito de Portugal.

Assim a epocha tinha chegado, foi aquella, e não outra; em que o Brazil com a chegada da côrte, ficou pacificamente independente, elevado a um grande reino, e a monarchia estabelecida na America; ou em que sem ella, cheio de desordens intestinas, de sangue corrido, dividido em diversas republicas, teria sacudido o jugo de colonia, como toda a America o tinha feito.

Mas como a Providencia Divina lhe dispensou esse trabalho, encaminhando para elle o seu rei, seu governo, seu nacional; chégado este, chegou ao seu mesmo povo; e este o recebeu como tal, com alegrias

e emboras, pelos bens que se lhe apresentavam; com felicitações e agradecimentos pela mercê recebida; e independente ficou de qualquer poder que não estivesse dentro em si; e dependentes d'elle ficaram todas as mais partes que compunham o grande imperio portuguez.

Ninguem poderá logicamente raciocinando, negar esta verdade incontestavel, a historia a transmittirá á mais remota posteridade, quando tivermos uma habil penna, que escreva uma analitica, conscienciosa, philosophica, da revolução brazileira.

E verdade tambem é que o Sr. D. João VI chegado ao Brazil, não quiz mais sahir d'elle, resolvendo fazer nelle, o acento do seo governo, e da sua grande monarchia de Portugal, Brazil e Algarves.

E verdades estas, que todos conhecem como nós as dizemos; mas sobre as quaes muito tem dito, e podem ainda dizer, os differentes partidos, e tambem a nós convém fallar.

## II.

Dir-se-ha que o Sr. D. João VI não obrou por um acto de deliberada espontaneidade, e sim impedido por circumstancias; porém é muita intolerancia, o pretender-se desconhecer a gratidão das cousas por serem effeito das circumstancias de outras.

Todas as cousas tem um principio, de certo que o devera ter o grande movimento da mudança da corte do Sr. D. João VI para o Brazil.

Porque um grande rei de grande nação, residente

na sua antiga, bella cidadé, capital dos seus domínios, no paiz natal, berço da monarchia; e berço illustre, heroico, cheio das maiores proezas, dos mais brilhantes feitos, que possa executar o esforço de peitos humanos; não podia ter sem motivo a idéa de retirar-se, e de abandonar o nobre solar dos seus maiores, e das glorias do seu povo: esse motivo foi a invasão franceza para a qual não estava preparado.

Uma verdade porém fazemos sentir; que se não houve essa espontaneidade da parte do Sr. D. João VI, na transferencia da sua corte, é sem duvida que resolvida ella, houve uma decedida escolha de preferencia ao Brazil, sobre todas as outras suas possessões.

E certo é que os valentes portuguezes, tendo logo corrido ás armas, e repellido a invasão; o Sr. D. João VI se tivesse querido recolher-se, por exemplo á Madeira, ou a uma dos Açores, onde estaria inteiramente seguro com as esquadras inglezas, e a força naval portugueza, que ainda tinha; em breve se poderia ter restituído a sua antiga capital.

Com isto o Sr. D. João VI deo um testemunho autentico, indubitavel, da grande idéa que fazia, e consideração em que tinha o Brazil, reconhecendo-o como a mais poderosa porção do seu vasto imperio, a mais digna de receber a sua côrte; quando vendo-se nas circumstaucias de sahir de Portugal, o preferio, e se transferio para elle.

Chegado ao Brazil, acabando de confirmar-se da grandeza e riqueza deste vasto imperio, e achando as mesmas idéas no seu gabinete, composto de habeis

estadistas daquelle tempo; e ainda que todós naturaes de Portugal, votados á conscienciosa conveniencia das cousas, ao interesse e grande vantagem da extensa e dividida monarchia, e da corôa do seu rei; tinha sem duvida comprehendido que uma vez forçado a sabir de Portugal, devia fixar a metropole portugueza na mais rica, mais extença, e poderosa porção dos seus dominios, affiançadora de um porvir incalculavel; e aproveitando-se da vigente força e riqueza della, e dos recursos que ainda podia tirar de Portugal, formar neste continente Sul-Americano o mais brilhante imperio do presente seculo, ramificado por todas as mais partes do mundo:

O Sr. D. João VI adoptou esta politica, todo o seu procedimento o demonstra.

Logo a par da abertura dos portos, todos os tribunaes, todas as estações, foram creadas no Rio de Janeiro, estabelecimentos se formaram, academias se abriram; tudo se principiou a fazer, como para uma grande côrte, séde do governo, cabeça da monarchia, porque El-Rei não queria mais sahir do Brazil.

Os portuguezes como acima dissemos, libertaram logo o seu paiz, El-Rei não voltou. Em seguida o exercito sempre victorioso, Luso-anglo-hespanhol, batiu, e acossava por toda a Hespanha as melhores divisões, os melhores generaes de Napoleão, e assim garantia a segurança d'El-Rei, e elle não voltou. A Hespanha recuperou os seus reis, o exercito aliado, sempre victorioso transpoz os Perineos, tomou Tuloza, a paz geral da Europa fez-se, tudo se restabelecco, e El-Rei não voltou.

A título de não precisar mais tantas tropas em Portugal, e da occupação da Cisplatina, as fez passar em grande numero para aqui; foi uma grande colonisação que recebeo o Brazil; calculamos que subam a trinta mil homens, só os soldados portuguezes, para aqui passados, além da gente que os acompanhava, suas mulheres, familias inteiras; e grande parte disto aqui ficou, e a população brazileira aliviada de maior gravame de recrutamento.

Colonias estrangeiras, por seu mando, á custa do thesouro, foram estabelecidas no Rio de Janeiro etc. dos Açores mandou vir colonos para a Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo; El-Rey o Sr. D. João VI foi o maior colonizador do Brazil.

E a quanto sobe o numero de gente que o acompanhrou na occasião da chegada, e que continuamente veio vindo em procura delle! O que pela maior parte ficava: o Brazil fez logo uma differença de cento por cento, pelo unico facto da residencia da còrte.

Portanto claro está sem duvida, que o Sr. D. João VI nos deu a emancipação, e os meios de sustenta-la, com o engrandecimento a que elevou o Brazil, nos poucos annos que aqui residiu, e com seu Augusto filho que nos deixou para a nossa salvação, quando foi forçado a sair por nossa mesma culpa, que o não soubemos comprehender, e que apanhados de improviso, pela revolução de Portugal, e illudidos pelos republicanos brazileiros, que figuráram nella, não correspondendo ás suas vistas, o obrigamos a retirar-se.

A politica do Sr. D. João VI, pôde ter sido errada,

como os factos provarão, por se não poderem conciliar as vontades, e os interesses das duas porções da familia portugueza, que se separarão; porque Portugal não podia tolerar, ver-se reduzido ao estado de colonia da sua colonia, nem o Brasil sujeitar-se a tornar a ser dominado pela Mãe-Patria, tendo fruido os bens da emancipação de que estava de posse.

Porém errada, mal succedida, ella era toda em beneficio do Brazil: Portugal sim pôde ter tido motivo de queixa; nós só de agradecimento, de reconhecimento, como o doador da nossa independencia, o nesse bem feitor.

E ainda assim, se diversas causas deixassem de concorrer, que nos fizeram recusar a revolução como a elle quiz dirigir, e a tivessemos assim aceitado; em logar da retrogradação que nos fizeram aquelles movimentos por algum tempo, teriamos visto touros de palanque; nosso progresso teria sido sempre em augmento, e estaríamos hoje duplicadamente engrandecidos, além do que temos sido. (1)

E por isso foram os queixumes de Portugal, por

(1) O cuidado e empenho que o governo do Sr. D. João VI tinha no melhoramento do Brazil foi tanto, que a navegação a vapor foi tentada no seu tempo, e posta em pratica aqui na Bahia, onde um barco de vapor navegava para a Cachoeira, no qual embarcamos: tambem a illuminação a gaz; fizeram-se experiencias; uma columna em forma de um grande candelabro, por vezes se acendeo no meio da praça do governo: as revoluções empataram o desenvolvimento de tudo isso.

isso, foi a revolução que fez elle, toda delle, para recuperar sua independencia, o seu rei, que dependente estava elle, o que foi a causa principal, embora figurasse a proclamação da constituição.

Revolução em que nós só tomamos parte directa e activamente, quando tocou a quererem destruir a nossa emancipação; revolução proclamada na Europa por elle, e entre nós por seus emissarios portuguezes, e poucos brasileiros, que iniciados nos misterios dos clubs de Lisboa e Porto; tinham tambem suas doutrinas, e vistas particulares, sobre a sorte do Brazil.

### III.

A revolução da constituição portugueza, que foi origem dos nossos movimentos, e da necessidade de sustentarmos com as armas a nossa emancipação, pacificamente adquirida; rebentou no Porto, de onde espalhando-se por todo Portugal, passou para o Brazil.

A primeira parte em que appareceu neste foi o Pará, provincia mais ligada a Portugal, ella e o Maranhão, que pela melhor commodidade e brevidade de viagens, tinha todos os seus recursos directamente dos tribunaes de Lisboa; onde por tanto a influencia portugueza primeiro operou.

O Sr. D. João VI, firme na sua politica de conservar o acento da monarchia no Brazil, quiz formar nelle um congresso: ahi estão os documentos do que dizemos registrados nos nossos archivos; porem primeiro querendo ver se sustentava todos os seus do-

minios, perdeu tempo, e não pôde effectuar o seu plano.

Isto não lhe pôde ser lançado como nodoa, nem mesmo o Brazil, em cujo beneficio se resolvia a sua politica, se pode queixar; porque se queremos que os reis sejam homens como os mais, é preciso tolerar-lhes as paixões que dominam toda a humanidade; e elle desenvolveo uma licita, querendo conservar o que possuia; outras circumstancias operaram mais que a sua demora.

O que sabemos com certeza, porque foi do nosso tempo, e nisso andamos involvido; é que, antes de proclamada a revolução na Bahia, por consequencia no Rio e mais provincias, que o fizeram depois; aqui passou o conde de Obidos, ou outro se nos enganamos, politico do gabinete do Sr. D. João VI, que pelos effeitos apparecidos, suppoz-se que se entendera com o Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois Marquez de Barbacena; então inspector das tropas da Bahia, com attribuições de commandante das armas, que não havia; sobre o plano do congresso brasileiro, e que o bravo patriota mineiro o abraçou.

Lançou suas vistas sobre a Legião de caçadores; corpo de sua creação; officialidade de sua escolha; composta de mocidade de distincção e illustração, que o amava com dedicação, e que não pertencia aos clubs de Lisboa e Porto.

Tinhamos no corpo o Major Hermogenes Francisco de Aguiar, bravo bahiano, distincto official, por sua capacidade militar, excessivamente patriota; muito amado do corpo de quem era o idolo: o Marechal o

estimava, e distinguia muito, e dellê se tinha servido para dispor o corpo.

Nós que eramos então um dos capitães d'esse corpo, nunca fallamos com o Conde, nem com o Marechal sobre taes causas; mas estavamos disposto pelo Major e outros officiaes de sua confiança, a não nos unirmos á revolução de Portugal; e sim sustentarmos a formação de um congresso brasileiro, com o Rei no Rio de Janeiro.

Se nós deviamos tomar a iniciativa n'isto, ou esperar por decreto do Rei, não tinha sido declarado, nem tempo houve para isso: n'este sentido, e por esta causa, foi a opposição feita pelo Marechal, com duas companhias dos caçadores, contra tres peças e alguma fuzilaria, que os conjurados tinham deixado, defendendo o trem millitar dos Afflictos.

Os conjurados concebendo desconfianças por algumas entrevistas havidas, e talvez por alguma facilidade do Marechal, que tambem os considerava seus filhos d'armas, fizeram esforços para acelerar tudo, e em dous dias, trabalhando dia e noite para concluir o que lhes era preciso, puzeram a procissão na rua, e proclamaram as bases da constituição portugueza.

Foi esta proclamada pelo regimento de artilharia, a cuja testa se poz o seu Tenente Coronel Manoel Pedro de Freitas Guimarães; um, das doutrinas republicanas de Norte-America; com outros officiaes do corpo, pertencentes aos clubs portuguezes.

Puzeram em custodia em sua casa o commandante Coronel Búrralho; honrado portuguez, fiel ao

Rei: anteriormente tinham procurado inutilisar por motivos de molestia, o Major do corpo Francisco de Paula de Miranda Chaves, distincto official nacional, patriota, que era amado dos seus soldados; e que inclinado a sentimentos mais brazileiros, era capaz de os dissuadir.

Marcharam com nove peças de campanha, alguma fuzilaria dos mesmos artilheiros, e sentenciados que soltaram, que as guarnecia, para a praça do Palacio do Governo, e ahi reunidos com os esquadrões de cavallaria, e mais conjurados, fizeram a revolução.

A mais tropa concorreu para a praça da Piedade; a saber a Legião de Caçadores, o regimento de infantaria de linha da terra, o doze de Bragança, tropa portugueza, que fazia comnosco a guarnição; o bravo Marechal inspector ahi estava á nossa testa: tudo obediente ao governador, então Conde, depois Marquez de Palma.

O Marechal tirando duas companhias de (2) caçadores, com o Major Hermogenes commandando-as; avançou sobre as tres peças do trem militar dos Afflictos; porém em má hora, com máo successo; porque esse distincto brazileiro, entre muitas qualidades

(2) A gazeta *Idade d'Ouro* disse, que uma companhia era dos caçadores, commandada pelo Major Hermogenes, outra do regimento de linha, commandada pelo Major Castro, o que não é exacto; ambas foram dos caçadores, commandadas pelo seu Major Hermogenes; o Major Castro foi voluntariamente acompanhando o Marechal.

boas que tinha, sobrando-lhe valor, e talento: não tinha todavia o accordo, e sangue frio precisos para dispôr um ataque: além disso fiando-se no seu prestigio, e que a sua presença desarmaria os artilheiros, sacrificou os caçadores, que não foram levados á carga, com a manobra e vantagens, que lhes permittia a sua arma.

As companhias entre mortos e feridos perderam quazi metade da sua força; vinte um cahiram das fileiras mortos logo, entre elles o Major Hermogenes; além destes, um ordenança, e um pagem, que acompanhavam o Marechal, os cavallo d'estes, e os do Marechal e do Major, ficando feridos muito mais dos quaes alguns vieram a morrer depois, e um Alferes.

De volta a praça da Piedade com os destroços das duas companhias; os officiaes da Legião bramindo de colera pelos brios do seu corpo, e pela perda do seu Major e mais camaradas; offereciam-se ao Marechal para irem tomar as peças, e munindo-se de cartuxos no trem militar que ellas guardavam, avançarem sobre a praça do governo, e dissolverem o tumulto dos conjurados.

Era chegado o Conde governador á casa da fallecida velha Condessa da Ponte, que ainda aqui se achava, e morava ao portão da Piedade, e a esse tempo mandava ordens ao Marechal que nada obrasse, e só esperasse pela sua decisão, que ia tomar em um conselho.

O character timorato e irresoluto do nobre Conde, deo logar a engrossar-se o partido da revolução; por que entretanto o Tenente-Coronel Francisco de Paula

Oliveira, portuguez do talento e coragem, que commandava os esquadrões de cavallaria, um dos chefes da revolução; tinha expedido uma guarda d'ella a toque de clarins; apregoando na cidade baixa, e proclamando a constituição portugueza, e convocando os constitucionaes para a praça do governo; a qual encheo-se de grande numero de portuguezes, grande parte armados com as armas e polvora que tinham nas lojas, das mesmas como as de munição, de adarme dezeseite e dezoito.

O Conde governador sabia do numeroso concurso da praça, receios appareceram de não se poder mais conter o doze de Bragança, que estava alliciado pelo Tenente-Coronel Pereira, e se achava alli pela obediencia ao seu chefe o bravo Coronel Madeira: os que podiam ter interferencia na decisão, eram pela maior parte portuguezes, que então occupavam grande parte dos empregos e repartições, e poucos brasileiros, varios pertencendo ás idéas de deixar sahir a côrte.

O Marechal achou-se só, não devendo contar senão com a dedicação dos caçadores. O Conde depois de ouvir os que consultou, decedio que se acceitasse a revolução proclamada de Portugal; e depois das participações convenientes, que a tropa desfilasse (3)

(3) O Sr. Accioli diz:—Os corpos da Piedade seguiram para a praça debaixo do commando do Marechal Luiz Paulino, por haverem recusado o Marechal Felisberto.—Não é exacto: a tropa da Piedade não o recusou, nem deo o menor signal de insubordinação, se não de obediencia ao governo; ambos os Marechaes se

para a praça de Palácio, a se confraternisar com os revoltosos.

#### IV.

Quando chegamos ao largo do Theatro, fazendo ahí alto os corpos, os officiaes seguiram para a praça, para darem na casa da Camara, o juramento á constituição proclamada.

A praça como já dissemos estava apinhada de gente, a maior parte da qual portugueza: a artilharia e cavallaria guarneçiam o quadrado. Havia gente nacional brazileira, mas conhecia-se que estavam innactivos, como maravilhados de uma cousa que não esperavam; contentes por ouvirem proclamar a liberdade, o que agrada sempre aos povos, e os engana as mais das vezes; tranquillos por verem que alguns dos seus patricios estavam tambem á testa dos negocios: mas esses eram os que pertenciam aos clubs sujeitos aos de Portugal, e que tendo suas idéas particulares de republicanisar o Brazil, queriam a constituição portugueza, e com ella a sahida da côrte.

Ainda nessã occasião o bravo Marechal quiz fazer prevalescer as suas idéas, e tomando a palavra disse — «Que elle e a Legião de caçadores não tinham que-

---

dirigiram para a praça, á casa da Camara; os corpos tiveram ordem de marchar e foram conduzidos pelos seus chefes para o largo do Theatro, onde receberam nova ordem de fazer alto, e de entrarem os officiaes para casa da Camara aprestarem o juramento.

rido fazer opposição á proclamação da constituição, que reconheciam um beneficio para o povo, só quizeram que não fosse a portugueza; e que de novo propunha aos seus patricios, que fizessemos nós a nossa constituição como nos conviesse, deixando que Portugal fizesse tambem a sua como quizesse.» —

Soaram por todo o salão da Camara os gritos do —morra o traidor— os punhaes se desembainharam contra o Marechal, alguns dos chefes da revolução, a titulo de o salvarem, apoderaram-se da sua pessoa, e com o tumulto do povo, se encaminharam para as janellas, por onde vozes clamavam que se precipitasse o traidor. Quando os officiaes que tinham entrado para o juramento, e alguns mais dedicados amigos, rompendo caminho por entre a multidão, com os punhos das espadas, e como puderão, chegaram aos conjurados, e lhes disseram — «Que se a pessoa do Marechal estava em perigo, a elles seus camaradas, seus subditos, e amigos tocava guarda-lo» — e tomando-o se encaminharam com elle para a porta da Camara, á metter-se no seu coche.

Em quanto estas cousas se passavam, tinham chegado algumas pessoas da Piedade que assistiram a tudo; alguns officiaes tinham tambem sabido, e o que acontecia com o Marechal no salão da Camara, espalhou-se logo em baixo pelo povo: Quando elle chegava, um viva entusiastico proferiram os brasileiros.

«Viva o bravo General, Brasileiro, Patriota, Liberal!!»

Uma onda destes encaminhou-se ao coche, e de-

saparelhando os animaes que o tiravam, o pucharam á mão da porta da Camara, até a sua casa nos Barris. Poucas horas depois o Marechal embarcou-se em uma fragata ingleza que estava no porto.

Esses vivas, essas ovações ao Marechal, foram o primeiro echo, as primeiras demonstrações patrióticas dos brazileiros, que não eram derigidos pelos clubs de Portugal; e a Bahia nesse dia, mostrou logo o que queria. Porém foi tarde, as bases da constituição portugueza estavam proclamadas, e juradas; a Bahia foi declarada provincia de Portugal.

Os membros da Junta provisoria de governo, foram, para bêm dizer, nomeados pelo club da revolução; um dos chefes d'elle, gritava de uma das janelas da Camara, — «o Sr. F. de T.» — Os conjurados, os portuguezes que quasi na totalidade enchiam a praça, davam exclamações de approvação: o publico brazileiro não teve parte nisto; em pequeno numero, apanhado de improviso, não podia ter um acordo, nem uma deliberação.

Eram nove membros, dos quaes só tres brazileiros.

Porém mais tarde, depois das scenas do Marechal Felisberto, e de tudo acabado, os brazileiros aclamaram Brigadeiro, o seu patricio tenente-coronel Manoel Pedro de Freitas Guimarães, que tinha occupado o primeiro lugar da revolução; e no mesmo acto pediram que se lhe conferisse o commando das armas: os conjurados, e a Junta ja nomeada, não se attreveram a oppor-se a esta vontade do partido nacional brazileiro, que já começava a engrossar e abrir os olhos.

As demonstrações de jubilo não foram grandes; a Bahia ficou sentida da morte dos caçadores: o bravo Major popular, patriota, foi geralmente chorado. Achava-se o povo desconfiado dos figurantes do acto: a idéa de provincia de Portugal irritando todos os animos, estavam receiosos dos resultados futuros de taes movimentos sellados com sangue, que não auguravam em sua vantagem.

As poucas historias que por ora temos do nosso paiz, não contam com a devida analyse estes factos, e talvez alguns não mencionam. A gazeta *Idade de Ouro*, que então se publicava aqui na Bahia, redigida por um portuguez, o padre Ignacio de Jesus, frade que tinha sido da congregação dos Jesuitas, grande orador e homem de instrucção vasta, disse — « Que o projecto do Marechal tinha sido repellido, e elle expulso da casa da Camara, por ter apresentado idéas de um governo republicano, pela forma dos Estados-Unidos da America, — » não lhe convindo espalhar-se a verdade.

Por nos parecer conveniente, transcrevemos aqui alguns pedaços da referida gazeta, da qual alguns numeros vem mais longamente publicados nas Memorias Historicas do Sr. Accioli.

No numero 16, de 17 de Fevereiro desse anno — 1821 — discrevendo todos os acontecimentos, diz a respeito do que temos tractado. — « O regimento de artilharia (á excepção do Coronel que fôra prezo em casa, com deconcia e para segurança de sua pessoa) queria muito efficaamente salvar a Bahia da oppressão, e sahio do quartel na firmissima resolução de não

tornar algum vivo, sem a constituição jurada, e postou-se de murrões acesos na praça; e no trem. A cavallaria sabio do quartel com iguaes sentimentos e disposição, o Batalhão doze marchou do quartel muito disposto a proclamar a constituição jurada, por seus irmãos de Portugal; mas o seu Tenente-Coronel Pereira não lhe pode desviar a marcha, como pretendia, para o fazer logo na praça com a artilharia. O seu Coronel Madeira hia disposto pelo Tenente-Coronel para consentir de bom grado naquella obra; mas recebendo no caminho uma carta do Exm. Conde de Palma, foi postar-se no campo da Piedade, aonde já estava a legião, e o primeiro regimento. Estes dous corpos suspiravavam tamhem pela constituição, porém não estavam naquelle grao de resolução, em que se achava a artilharia, porque os seus officiaes não tinham a mesma liga, pelas intrigas do Major Hermogenes. Postas as cousas neste pé, appareco na Piedade o Marechal Felisberto, mui furioso, e tratando com desprezo todo aquelle negocio. O Exm. Conde de Palma e a officialidade maior, estava observando e reflectindo na disposição geral do povo e tropa; por que aquillo não era campo de batalha com o inimigo aonde se vai decididamente combater. O Marechal Felisberto sem attender ao milindre do caso, tratou logo de tomar o trem com duas companhias — etc etc. Descreve o conflicto.

No seguinte numero declara que — « a opposição do Marechal Felisberto provinha de pretender se estabelecesse logo um governo semelhante ao dos Estados-Unidos; projecto que ainda appresentou no salão

da Camara, e cuja idéa hia ali suscitando scenas luctuosas pela opposição que encontrou.» —

## V.

Com dias de differença, no mesmo Fevereiro, a revolução rebentou no Rio de Janeiro, e foi a mesma scena que na Bahia; os portuguezes em campo com ella, foram os executores de tudo. El-Rei o Sr. D. João VI firme na sua politica, o primeiro decreto que baixou, ainda antes della apparecida alli, foi mandando convocar um congresso no Rio de Janeiro, que fizesse leis apropriadas para o Brazil; declarando que mandaria seu Augusto filho a Portugal, para prover as precisões daquelle reino.

Esta idéa d'El-Rei foi regeitada pelos dous partidos, o de Portugal a quem não podia convir um congresso no Brasil com o Rei; e o dos republicanos que queriam a retirada da côrte: a totalidade dos brazileiros, que não eram dos clubs portuguezes, nem das idéas republicanas, despercebida como na Bahia, não lhe deo valor.

El-Rei fluctuou em duvidas, em receios, e forçado pelo partido portuguez que, no Rio de Janeiro, nessa occasião da aclamação da constituição, foi ainda mais ousado do que na Bahia; sendo as tropas d'elle que fizeram a aclamação e que atacaram, e fizeram fogo ao collegio dos eleitores; não tendo achado nos brazileiros um partido que sustentasse as suas idéas, não teve outro remedio, senão baixar outros decretos e retirar-se, deixando-nos seu presado filho para

salvar o Brazil, que elle conheceo bem que sabiria da sua coroa, se o não deixasse.

E reconhecendo tanto a emancipação de que já estavamos de posse, e nossos direitos, e precieções, que na regencia da qual o encarregou, deixando-lhe um ministerio e todos os tribunaes; o auctórisava a tudo prover, que precisasse o reino do Brazil, e declarar guerra, e fazer convenções de paz.

Se os brazileiros não estivessem desaperebidos, e muitos fascinados pelas idéas republicanas de alguns dos mais figurantes d'aquella epocha, em quem o publico confiava como liberaes e patriotas, e que de certo o eram, mas em excesso, essa medida teria sido adoptada infalivelmente, como a mais conveniente ao Brazil; porque estava bem claro, que semelhante união, como resultava da nossa adhesão á revolução de Portugal, regressando a corte, e sendo a séde da monarchia outra vez Lisboa, não podia effectuar-se sem prejuizo dos nossos interesses; assim como o foi com o de Portugal, durante o tempo que ella existio com o acento do governo no Rio de Janeiro.

Suppoz-se que o Sr. D. João VI não queria constituição, e só sim ganhar tempo, para poder conservar a sua monarchia como a tinha: a redacção do decreto se disse dar logar á desconfiança, vendo-se emittidas as idéas de um Rei que, tendo tido longo tempo de governo absoluto, reservava as decisões do congresso á sua approvação: entretanto nada dizia o Sr. D. João VI, que fosse contrario ao sistema que temos jurado, em que as leis não tem vigor, sem

approvação do Monarcha. A causá era a força do partido portuguez, que proseguia avante com a sua revolução, e o desaperecimento do brasileiro, que o deixou proseguir, sem lho oppor barreira.

Se então tivessem pensado acertadamente, e de boa fé, ter-se-hiam convencido todos da incontestavel verdade de que, uma vez dado pelo Rei o consentimento do congresso, este faria tudo o mais; e a constituição se havia de realisar, embora El-Rei amasse de coração ou não, reunindo-se os representantes do povo. Por ventura a presença do povo portuguez, é que podia influir para a realisação della, e não a do brasileiro!!

Errou-se em não se terem aproveitado os desejos do Sr. D. João VI, que todos eram em nosso beneficio, e toda a sua politica dirigida a conservar o Brazil; embora se arriscasse a perder Portugal, que ficava isolado, reunindo-se todos os dominios d'Asia e d'África ao Brazil. Foi deixarmos de fazer o que podiamos, para nos entregarmos ao arbitrio de outros.

E que na nossa opinião, podiamos tanto n'aquella occasião, com o consentimento do proprio Rei; como depois podemos com o Principe Regente, sendo-nos então preciso figurarmos de revolucionarios, opondo-nos ás côrtes, por nós já roconhecidas: e sem termos perdido toda a esquadra, que existia no Rio de Janeiro, e os thesouros que levou a côrte e grande quantidade de gente, e de capitães, essencialmente do Rio de Janeiro, que acompanharam logo o Rei, e da Bahia mais tarde, pelas desordens subseqüentes.

E assim o Sr. D. João VI, que foi indubitavel-

mente o doador da nossa independencia, digam os partidos o que quizerem, que os factos estão atestando, e a historia levará á posteridade; o quiz ser tambem de nossas instituições constitucionaes; tanto presava elle o Brasil, e reconhecia sua importancia, que o quiz sempre contentar, e ter seguro na sua corôa.

Porém Deos, o Pai de todos os povos, que tem mais justiça do que podia ter tido o Sr. D. João VI; em quem obrava tambem o desejo de conservar os seus dominios; servio-se dos republicanos do Brazil, para encaminhar com justiça, o igualdade, a partilha do mundo portuguez, entre as duas porções da familia portugueza, que se separavam, lançando para Portugal as suas conquistas; e ao mesmo tempo firmar no Brazil, este gigante possante, que estende os seus braços pelo soberbo Amazonas, e o famoso Paraguay, a estabilidade do governo monarchico, que só pode elevá-lo á grandeza de que é susceptivel: ficando assim illudidas as pretensões da facção exaltada das côrtes de Lisboa, e dos republicanos do Brazil.

Todavia uma voz brazileira como tinha soado na Bahia, soou tambem no Rio de Janeiro, entre os eleitores que pretenderam obstar á sahida do Sr. D. João VI; e o sangue brazileiro, correu entre elles, como na Bahia entre os caçadores.

## VI.

O brado que soltou no Ipiranga o nosso heroe, tambem não quiz dizer que faziamos então a inde-

pendencia; mas elle clamou muito bem, chamou pelo nome que devia chamar; achando-se ella, como se achou, ameaçada de morte, chamava os brazileiros para a deffenderem, para a sustentarem.

Indépendencia ou morte!!

Isto é, vinde sustentar a independencia, ou morramos.

Para sustental-a, foi-nos preciso separar-nos do Portugal, e foi o que fizemos; pois por ventura quando inadvertidos adherimos á constituição d'elle, não foi para tornar-nos sujeitos, ou dependentes; mas sim para conservarmos a união da grande familia, guardados nossos fóros, nossa emancipação, nossa liberdade.

O que temos dicto se confirma com os papeis officiaes d'aquelle tempo: transcrevemos aqui algumas cousas para o leitor as combinar com o que dizemos.

A representação que dirigio o povo do Rio de Janeiro, pelo intermedio da Camara Municipal, em 20 de Maio de 1822 ao Principe Regente, pedindo a convocação de uma assembléa brazileira, quando ainda não nos tinhamos separado, e que por muito extensa não copiamos toda, e só alguns pedaços, em um d'elles diz o seguinte:

—Quando uma nação muda o seu modo de existir e de pensar, não pode, nem deve tornar a ser governada como era antes d'essa mudança. O Brazil elevado á cathegoria de reino, reconhecido por todas as potencias, e com todas as formalidades que fazem o direito publico da Europa, tem inquestionavel juz

a reempossar-se da porção de soberania que lhe compete, porque o estabelecimento da ordem constitucional, é um negocio privativo de cada povo.

Neste lugar allude á mudança do estado de colonia, e se vê a idéa de um povo soberano; que já o Brazil se considerava, com os direitos politicos que cita.

Mais adiante diz:

—Se o Brazil accedeo á causa da nação, foi para a cooperação da felicidade geral; mas sem mingoa, sem quebra, sem sacrificio de sua propria felicidade; e nunca devia esperar, que uma fracção d'ella quizesse, a titulo de melhoramento, derrubal-o do logar de consideração, e de gloria que já tinha, e por tantos titulos lhe pertence.

N'este lugar, está clara a sustentação dos direitos que já tinha.

Diz para adiante:

—E de onde veio a um congresso imperfeito, do onde aos representantes de uma fracção da nação soberana, o direito de decidir soberanamente de outra a mais consideravel fracção da mesma nação!!—

Continúa ainda a mesma representação.

—Portanto. Senhor, em nome nosso, e no das provincias coligadas; cuja causa e sentimentos são os mesmos, pretendemos e requeremos com a maior instancia, e com a mais justa esperanza no titulo que V. A. R. accitou, de Defensor Constitucional, e Perpetuo do Brazil, que a bem da prosperidade dos habitantes deste reino, da salvação, integridade e gran-

deza da Monarchia Luso-Brazileira, da nossa constitucionalidade, e da de V. A. R.—

—Que se convoque já nesta côrte, uma assembléa geral das provincias do Brazil, representadas por um numero competente de deputados, que não poderão ser menos de cem, nomeados por novos eleitores parochiaes, eleitos pelo povo, com poderes especiaes para esse fim; cujas attribuições sejam:— Deliberar em sessão publica sobre as justas condições com que o Brazil deve permanecer unido a Portugal. —Examinar se a constituição que se está fazendo nas côrtes geraes de Lisboa, é no seu todo adaptada ao Brazil; e sobre as bases alli decretadas, e aqui juradas, estabelecer emendas, reformas e alterações, com que a mesma constituição deve ser recebida e jurada no Brazil.—E porque este não está seguro, e menos pode prosperar sem um corpo legislativo brazileiro, a mesma assembléa entrará, apenas installada, no exercicio do poder legislativo que lhe é essencial, e inseparavel da soberania do Brazil.—A assembléa geral se installará logo que estiverem reunidas nesta côrte, duas terças partes dos deputados das provincias colligadas.—A respeito das provincias do Brazil ainda não colligadas, e pelas quaes esperamos, fica em inteiro vigor, o art. 21 das bases. A mesma assembléa tratará de se communicar por escrito com as côrtes de Lisboa, a fim de se manter a união com Portugal, que o Brazil deseja conservar.—A assembléa marcará, depois que estiver plenamente reunida, o lugar onde deve residir a séde da soberania brazileira.—

Aqui estão desenvolvidas todas as idéas de independência, e soberania que o Brazil possuía; não pode ser mais claro. E' tambem para notar, que tudo pedido nesta representação do povo do Rio de Janeiro, e das provincias colligadas, vem mencionado no decreto do Sr. D. João VI, que convocava Côrtes no Rio de Janeiro; dizendo quando menciona as cousas em que deviam tratar.—Conducentes á prosperidade, e bem deste Reino (que é o Brazil) e dos domínios da Côrôa portugueza —Ficava excluido Portugal da metropole.

No manifesto de S. A. R. o Principe Regente, no 1.º de Agosto de 1822, que tambem por extenso, transcrevemos só um paragrapho, vem logo no principio.

—Foi por assim não pensarem, que as côrtes de Lisboa forçaram as proprincias do Sul do Brazil, a sacudir o jugo que lhes preparavam: foi por assim pensar, que eu agora já vejo todo o Brazil em torno de mim, requerendo-me a defeza dos seus direitos, e a mantença da sua liberdade e independência.—

Em todos os actos daquelle tempo, em todos os animos, existia uma idéa unica: a de repellir o despotismo das côrtes de Portugal, a traição com que abusando de nossa boa fé, queriam atacar nossa liberdade, derrubar nossos direitos, e outra vez sujeitar-nos; e esta traição não podia annullar os fóros de que já gosavamos: estamos no caso de uma nação livre e independente, que invadida por outra que a quer conquistar, repelle a tentativa, ou a conquista, se chegou a effectuar-se: Portugal mesmo na inva-

são franceza é um exemplo; e não diremos que foi livre e independente, depois de a ter repellido, e que o não tinha sido antes. Aqui não foi um povo estranho, mas uma porção da mesma nação, que quiz invadir e destruir os direitos da outra.

Se as côrtes de Lisboa menos ambiciosas, se tivessem conduzido como deviam, o Brazil enviando os seus deputados, que seriam em igual, ou maior numero, estes procuraríam concertar, com os demais, o novo pacto constitucional de união; e provavelmente se não poderiam combinar, e acabariam como nós acabamos pela separação, uma vez que despresamos a primeira idéa do Sr. D. João VI.

No caso da qual, Portugal isolado como ficaria, reduzido a grande apuro, ameaçado pela ambição da Hespanha; sendo atendido com liberdade, e igualdade, poderia prescindir antes de alguma coisa de sua cathegoria, e de certos menores interessês, para sustentar-se a união, que lhe seria mais vantajosa; porém não o Brazil joven, cheio de esperanças, grande, rico, com muitos recursos.

## SEGUNDA PARTE.

## I.

Nada tem de commum todos os successos que temos narrado, da emancipação trazida pelo Sr. D. João VI ao Brazil, com as conspirações e movimentos que antes se fizeram em qualquer sentido. Tudo anterior foram cousas muito differentes, esta foi inteiramente separada dellas, sua muito particular, sem alguma ligação, senão que, os discipulos dessas escholas antigas da independencia dos Estados-Unidos da America, estiveram a ponto de nos fazerem perder o bem já adquirido.

Onde está a continuação, e ligação desde—Tira-Dentes, até José Bonifacio, para que um fizesse o plano, outro executasse! Que plano podia ter feito em tal tempo, na provincia interior de Minas o pequenino Tira-Dentes, que podesse servir ao grande homem, ao grande Ministro, na occasião, e nas circumstancias dos factos acontecidos!!

Quem foi Tira-Dentes para ser o patriarcha da independencia, o mimoso da grande provincia de Minas, já então possuidora de muita gente digna, illustrada! Tira-Dentes foi um homem de baxa condição, como dizem as historias desse tempo, e como bem in-

culca o seu appellido; porque ainda hoje não é profissão que ennobreça a alguém o tirar dentes, e menos naquelle tempo, que era o officio dos barbeiros, e o que pode induzir a crer-se, que tivesse elle sido um barbeiro de Minas: e assim que figura, que independencia podia fazer um homem de baixa esfera, sem apoio de pessoas poderosas que possuia Minas, que nem uma parte tiveram, e o viram morrer indifferentemente !!

Tira-Dentes foi um insensato, e aquella sedição por motivo de impostos do ouro, como outras teve Minas por pagamento de quintos, pela posse e producto das minas etc. etc. (*Veja-se a nota no fim.*)

Então nesse sentido, chame-se tambem Manoel Nunes Vianna, um patriarcha da independencia, que esteve desligado do governo alguns tempos com forças numerosas que o seguiam, e que só cedeo quando vio que se faziam marchar tropas de linha do Rio de Janeiro, e forças numerosas pelo sertão da Bahia.

E um Backnam no Maranhão que fez uma revolta em que estiveram separados com uma junta de governo.

Tambem projecto de independencia se chame, e patriarcha della ao indio rei Nicoláo, e ainda mais os Jesuitas que lhe deram a investidura, quando as missões brazileiras, e as cedidas pelos hespanhoes se revoltaram com exercitos muito numerosos, que só depois de cinco annos de grandes batalhas, foram destruidos pelas armas portuguezas e hespanholas.

Anterior a tudo isto, na feliz restauração da co-

rôa de Portugal na pessoa do Sr. D. João IV, o povo em S. Paulo aclamou rei a Amador Bueno, o qual sendo pessoa prudente, e de maduro juizo, oppoz-se; occultou-se, fugindo das vistas dos tumultuosos, e o tumulto acalmou-se. Mas a nação e a historia della, só consideram tudo isto, como tumultos populâres, e sedições diversas, por diversos motivos, e com diversos fins.

## II.

Tornando a Tira-Dentes; não sendo nossa intenção atacar a sua memoria, antes respeitar o seu infeliz fim; concedemos que com effeito tivesse tido idéa de libertar o seu paiz; n'este caso deve ser considerado como um visionario, que pretendeu aquillo que não podia fazer, nem o paiz ainda receber: concedemos até, que foram consequencia da independencia dos Estados-Unidos, isso de Tira-Dentes e outra sedição que aqui se descobrio na Bahia, quasi pelo mesmo tempo, e que foi chamada a Francezia, cujo cabeça, que foi tambem enforcadô, era um alfaiate chamado João de Deos: o que devemos concluir de tudo isto, é que foram tentativas extemporaneas, não podendo ser bem succedidas, tanto por que o paiz não estava ainda disposto, como pela insignificancia das pessoas, que não tinham prestigio para conciliar partido, as quaes lamentamos; e com quanto se deva considerar como honroso para o Brazil, ter cedido idéas da sua liberdade; não tem isto connexão alguma com a independencia que depois tivemos,

encaminhada por outros meios; e se quizermos procurar uma antecedencia á realisação della, vamos a Pariz, ao tumulo do grande Napoleão I, honrar sua memoria, que de certo teve elle mais parte, do que todos esses sediciosos de quem temos fallado.

Se por ventura não tivesse havido a chegada da côrte, e a independencia tivesse sido feita pela forma republicana, como as mais da America, podia considerar-se com relação a esses movimentos anteriores, sendo elles o prelude; porém como nós a conseguimos, não: é o caso de um homem que trabalhando por adquirir riquezas, e ainda as não tendo podido conseguir, por acaso depara com um thesouro, que não tem relação alguma com suas fadigas anteriores.

Quanto á sentimental descripção da morte, e posteriores cruasas feitas aos restos do infeliz Tira-Dentes, respondemos com quatro palavras—Era o costume daquelle tempo—E se hoje taes scenas de horror, não podem mais affligir nossa sensibilidade, recorda-las só tem por fim, excitar affectos, e irritar animos.

Tira-Dentes, foi o unico morto e os degradados para Africa dez.

### III.

A revolta de Pernambuco de 1817, tambem de maneira alguma se pode considerar relativa á nossa independencia, que já estava feita, e muito mais longe está disso do que os movimentos antecedentes;

porque esses foram feitos ainda no tempo em que estávamos debaixo do jugo de colonia, e aquella quando já o não tínhamos mais, quando estávamos de posse do assento do governo, e era o Rio de Janeiro a metropole de toda a grande Monarchia Luso-Brasilica: que mais independencia podíamos desejar, do que aquella de que estávamos então de posse! Constituição sim precisava, e desejava o Brazil, por isso se deixou levar da revolução portugueza. Um sentido republicano pois teve o movimento de Pernambuco, e não o de independencia, e que todavia não foi acci- to, tanto pelas mais provincias, como pela propria de Pernambuco, que lhe não deu assentimento, com quanto figurassem, e fossem compromettidas muitas pessoas distinctas d'elle.

Verdadeiramente aquelle movimento revolucio- nario, que se foi, como diz o Sr. Ottoni, tramado no Rio de Janeiro em casa de Léo, foi um decreto d'alli expedido de morte e padecimento de muitos estima- veis brasileiros; principiou por uma sedição militar, assassinando os officiaes de um dos corpos o seu com- mandante, no exercicio e execução de suas funcções; ficando tudo aquillo em confusão, sem plano, que o não tinham, varios dias sem governo, e pelo poder do Deos, e a disposição então dos animos em Per- nambuco, não se perpetraram horrores.

Foram uns homens inexper tos, sem a disposição, nem precisão de uma revolução, que foram sacrifica- dos, pelo que diz o Sr. Ottoni, pelo club de Léo no Rio de Janeiro, o qual mesmo obedecia ao de Portu- gal; porque aquelle movimento, como bem se soube,

foi de acordo com o de Gomes Freire de Andrade, mandado fazer no Brazil, pelo mesmo motivo de se obrigar a côrte a regressar; em que da mesma maneira figuravam os republicanos, ligados aos clubs portuguezes; estes para recuperar sua côrte, aquelles para se desfazerem della: foi uma, ainda mal concertada, tentativa do grande drama, que depois se desenvolveu, em que cahio o Brazil, levado da idéa de constituição, e da liberdade dos povos, que estavam debaixo do governo absoluto.

Quando chegou a expedição mandada pelo Sr. D. João VI, commiandada pelo general Luiz do Rego, a tropa expedida da Bahia pelo Conde de Arcos, tinha acabado tudo. E que forças foram essas que debelaram a revolução? Não passavam de quinhentas praças de tropa de linha, que foram desembarcar na costa, e seguir por terra, com mais alguma cavallaria; que se lhe mandou juntar de melicias de Sérgepe, e outros reforços que foram tomando de melicianos por onde passavam; não passaram talvez de mil todas as praças que entraram em Pernambuco, e essas não todas boas tropas regulares, nem bem armadas: E pôde crer-se que semelhante força fosse bastante para subjugar aquella provincia, se tivesse ella adherido á revolução? Pode dizer-se que a rapidez do movimento deo a vantagem; porem todavia, a expedição marchava por terra, houve tempo de saber-se della, e só os dous regimentos de Pernambuco, eram bastantes para desbaratal-a; mas esses regimentos estavam divididos, espalhados, talvez debandados: a expedição em lugar de achar opposição, era recebida por

toda á parte com vivas a El-Rei, e a monarchia, e achava defensores nos mesmos pernambucanos.

O governo monarchico estava firmado na população naturalmente brazileira, pelo amor do povo e sua intima convicção de lhe ter sido muito conveniente; porque com quanto o Brazil, antes da chegada da côrte ao seu seio, só conhecia a realza pelo nome, e pelas vexações, e atrazos, que soffria com o sistema colonial, que lhe tolhia todo o progresso, e muitas vezes com a altivez e despotismos de delegados do poder que, na distancia de duas mil legoas achavam o meio de salvar-se da responsabilidade de suas malversações; depois da chegada da côrte tudo mudou, o grande impulso de incremento que logo se vio em tudo, os beneficios resultantes das creações novas que se fizeram em todos os ramos, e que a população attribuiu á presença do seu Rei, lhe grangearam todo o cordeal affecto della; e ousamos dizer, como testemunha daquello tempo, que o Sr. D. João VI era amado em geral dos brazileiros.

Fallamos positivamente destes, que dados todos á agricultura, ás artes mechanicas, foram os que logo de prompto receberam mais os beneficios; vendo os seus portos abertos, suas praças concorridas por navios e negociantes estrangeiros, que elevaram os preços dos seus generos, livrando-os do monopolio, que sobre a lavoura pesava do commercio todo portuguez, e só para Lisboa; vendo os artistas a concorrência do obras que os procuravam, e os pagamentos elevados; os creadores as demandas de seus gados, que um augmento de gente consumia, e pagava melhor; e todos

estes eram brasileiros, que bem diziam a hora da chegada da côrte, a presença do seu Rei.

Embora queixumes houvesse contra elle, da parte dos dous partidos, que eram oppostos, um a elle, e á sua estada, outro ao engrandecimento do Brazil; por desperdicios, despezas extraordinarias, de que accusavam a sua côrte, e prevaricações dos seus empregados, o que em muita parte era tambem augmentado; com tudo o povo estava contente, os impostos eram poucos, e o augmento das rendas publicas chegavam para tudo isso, para os melhoramentos que se fizeram no Brazil; e para soccorros pecuniarios que se mandaram a Portugal.

---

## TERCEIRA PARTE.

### I.

Para prova de que o Sr. D. Pedro I esteve á testa dos movimentos com que sustentamos nossa independência, e nos separamos; basta o facto de ter continuado a monarchia entre nós, sem o que toria triunfado o partido republicano.

Do que felizmente nos salvaram o talento e valor do Principe Regente, e o amor e costume do governo monarchico, que já tinham adquirido os brasileiros, com os beneficies conseguidos nos treze annos do reinado do Sr. D. João VI no Brazil.

E tambem o credito que gosava S. A. entre os brazileiros, de ser dotado de carácter humano, generoso, accessivel.

Sendo na côrte, e por todo o povo, por isso preferido, amado acima de seu irmão o Sr. D. Miguel, por quem não haviam as mesmas sympathias.

E por sua conducta liberal e generosa na occasião do rompimento da revolução, fazendo-se o medi-neiro, entre Seu Augusto Pai e o Povo.

Não se pôde duvidar de que se nos não tivesse ficado o Principe Regente, o Brazil teria cahido no sistema republicano; não havendo então quem susten-

tasse os direitos da corôa, e em quem se podessem reunir os votos da nação.

E que esse sistema republicano seria posto em pratica, em divididas, ou diversas republicas, tantas quantas provincias; o que inutilisaria a grandesa do Brazil, como tem inutilisado a dos ricos paizes da mais America do Sul, e do Mexico; e inutilisará a da Republica Anglo-Americana, que principia a dividir-se com hoorrivel dissensão.

Porque é da natureza dos sistemas republicanos, não se poderem sustentar em grandes nações; ou ellas terão de constituir-se em monarchias, ou dividir-se; que é o que ha de vir a acontecer aos Anglos-Americanos, cedo ou tarde.

Entre nós não existia o motivo, que existio entre os Anglos-Americanos, que foi um inimigo poderoso que os combatia; para triunfar do qual foi-lhes preciso colligarem-se, reunindo todas as suas forças, as provincias que se separaram, e ainda assim acharem soccorro de nação estranha, tambem poderosa.

O Brazil maior, mais forte já do que Portugal, estava no mesmo caso que as republicas das colonias hespanholas: não tendo um centro que nos reunisse, cada um iria para sua parte, como foram aquellas, cedendo ás intrigas, e ambições.

Entre nós, o elo que pôde ligar-nos foi a realesa, já introduzida, e apreciada no Brazil.

E por isso os grandes homens da nossa revolução, e a absoluta maioria do povo brasileiro, que queriam e só viam a felicidade patria com a monarchia, julga-

ram o Brazil salvo, quando conseguiram a ventura do Sr. D. Pedro I declarar que ficava.

A idéa da independencia do Brazil penetrou nos conselhos de S. A., desde que seu Augusto Pai a trouxe.

A que penetrou mais tarde, e que foi adoptada, é aconselhada por seu aio, e tambem grande Ministro, o Conde de Arcos D. Marcos de Noronha e Brito; foi a de não sahir do Brazil, de conservar nelle a realisa, e o não largar da sua corôa.

E por isso foi o nobre, illustrado Conde, o amigo dos brazileiros, o grande protector da illustração dos bahianos, quando os governou; expulso do Rio de Janeiro pela facção portugueza, e a brazileira republicana, e na Bahia quando passou, vilipendiado, maltratado pelos mesmos partidos, que o supunham querer conservar a união da monarchia com o Principe herdeiro do throno no Brazil.

## II.

Ainda quando se possa conceber, e houvesse motivo de pensar-se, que o Principe Regente, procurava conservar os meios de ter na sua corôa o Reino de Portugal, que lhe devia pertencer como o Brazil; isso nunca poderia manchar a sua reputação, por não se dar que tal intenção fosse com a idéa de prejudicar a soberania, e independencia do Brazil, cuja causa tinha abraçado.

O que se comprova com a mesma idéa nos grandes brazileiros daquella epocha, que com o heróe

sustentaram a independencia, e a separação, e que queriam a união, se tivesse podido ser.

O que era do grande genio, e nobre desejo de gloria do heróe, dilata-la em maior escala.

O que seria conveniente aos dous povos, e os teria ainda hoje em maior estado de poder, se tivesse sido possível suffocar paixões humanas, e isso fizesse, sustentadas a soberania, e independencia de cada um.

A separação foi feita por essa causa.

E ainda depois della reconhecida, quando Portugal o chamando para o throno, que lhe pertencia; elle consultou o seu Conselho de Estado; mostrou sua lealdade para com o Brazil, pondo na deliberação do seu mesmo conselho, a resolução que lhe poderia trazer bens ou males: sua constitucionalidade e prudencia, não querendo tomar uma resolução definitiva por si só: sua magnanimidade e filantropia, largando de si o poder, e o transferindo á sua Augusta Filha, com que evitou mais occasião das passadas rivalidades e desavenças, e seguiu a liberdade, e tranquillidade de ambas as nações.

E essa força eminenté, do genio, que impellia o heróe á gloria, foi a maior causa da abdicção effectuada depois, para ir augmentar o seu renome, espalhando grandes feitos pela Europa, como tiuha praticado na America; que não a virilidade popular, que a não houve desenvolvida a ponto de o forçar.

Accita foi sem duvida a revolução pelo grande ministro, nem outra cousa podia fazer tão grande brasileiro; porém chamar-se o heróe que reunio em

si nossas vontades, e nos salvou da anarchia, o principal antagonista, é outro desproposito igual ao de Tira-Dentes ser o predilecto de Minas, patriarcha da independência, e quem traçou os planos, que veio seguir e consumir o grande José Bonifacio.

Não era precisa a carta do Sr. D. Pedro em Outubro de 1821 denunciando, o projecto de independência; quando em Agosto do mesmo anno, tinha chegado á Bahia a Legião Luzitana com mil e quatrocentas praças, solicitada pela Junta portugueza do govêrno, que tinha solicitado ainda maiores forças chegadas depois, para poder sustentar-se, como representou ella; porque a tendencia da gente brazileira era unir-se ao Rio de Janeiro e separar-se.

Quando passado o primeiro assombro do choque politico, que inadvertidos receberam os brazileiros principiando a tomar um accordo, este foi logo o de lançarem as vistas, e desejo d'alma no Principe Regente: que assim fallavam, assim diziam, e se convidavam mutuamente, desde o Rio Grande de S. Pedro, até a Bahia e Pernambuco, as primeiras provincias do Norte, que acompanharam os sentimentos e movimentos das do Sul. E que isto sabiam, isto viam, todos os portuguezes, e o communicavam; razão porque as côrtes de Lisboa se prepararam e foram mandando remessas de tropas.

Sobre suas cartas, podiam ter sido inventadas muitas falsidades, embora lidas fossem nas côrtes de Lisboa: tambem mais tarde, nas desordens occasionadas pela Constituinte, e depois, se disse que o Im-

perader queria cativar a gente de côr, para a chamar a partido contra elle !!

Espalhou-se de proposito essa noticia pelas provincias do Norte, no tempo da republica de Carvalho, e depois.

### III.

De qualquer sorte, verdadeiras ou falsas as carlas, como se queria que pensasse, que fallasse o Principe Regente, não tendo ainda os brazileiros declarado o seu accordo ! Existindo em apparencia, como que voluntariamente, todas as provincias do Norte ligadas á Portugal ! A Bahia cheia de tropas portuguezas, uma divisão portugueza no Sul, o Rio de Janeiro mesmo predominado de forças portuguezas, tambem Pernambuco; S. Paulo e Minas, só em nome reconhecendo a sua regencia; elle isolado, sem meios pecuniarios, e poucos, talvez só o seo grande genio, para sustentar sua alta dignidade, e o caracter de que tinha sido revestido !!

Não cumpria ao Augusto Principe, o primeiro subdito de seu Augusto Pae, o primeiro cidadão da antiga grande Monarchia, o herdeiro della, ser o primeiro que aballasse os seus fundamentos, desmembrando-a.

Cumpria á sua posição, ao seu interesse, como o Monarcha que devia ser; guardar fidelidade ás leis fundamentaes da nação, sustenta-la como estava ella constituida, em quanto fosse isso compativel com

a felicidade dos povos que a compunham, e parecia ser a vontade delles.

E em quanto o Brazil não se tendo despertado, contra a traição das côrtes de Lisboa, não desenvolveo a solitudine com que depois o procurou.

Em quanto, não tendo havido as demonstrações daquella traição, se esperava ainda que as côrtes de Lisboa, com os deputados do Brazil, podessem formar o novo pacto constitucional, guardadas a independencia de cada um dos reinos, a liberdade, e igualdade de direitos de ambos.

Em quanto assim pois se podia pensar, que a antiga grande monarchia Luso-Brazilica, podesse continuar a subsistir, da forma porque estava constituida, com a felicidade dos dous reinos que a compunham; o Sr. D. Pedro podia, e devia, não querer ser aclamado, e sim sustentar a integridade do grande imperio portuguez como a tinha achado.

Mas acudio logo elle ao voto publico, decidio-se quando devera, com acerto, com justiça, e heroismo; e a conducta que antes fôra precipitada, sem a unanime demonstração do povo brasileiro, foi generosa, foi magnanima, quando desmacaradas as tramas das côrtes de Lisboa, a negra traição com que nos quizeram outra vez recolonizar; quando os brasileiros ameaçados, atacados nos seus brios, nos seus interesses, nas suas liberdades correram para elle.

Então logo decidio elle que ficava, aos pedidos das provincias do Sul, as primeiras que estavam em estado de se poderem declarar: então aceitou o honroso titulo, e encargos de Defensor Perpetuo do Bra-

zil, e mais tarde, depois da horrivel catastrophe da Bahia, soltou no Ipiranga o brado de—Independencia ou morte—. Fez-se a separação, que era indispensavel ao Brazil no estado das cousas.

De prompto, e com a melhor vontade de seu grande coração, reconhecendo a injustiça e traição praticadas contra o Brazil, e os males que teria de soffrer, os rios de sangue de que seria alagado, abraçou a sua causa, ligando-se a elle para partilhar a sua sorte.

E se poz na contingencia de perder Portugal, e todos os mais dominios que lhe deviam pertencer, e que elle logo despresou, dizendo, como muito bem se sabe, que de Portugal nada queria.

E assim o Sr. D. Pedro decidio-se, e não transigiu; e como Principe de tão grande genio, tão abalizado talento, na occasião em que o devia fazer.

E com quem transigiria o Sr. D. Pedro! Com aquelles que aggedidos pela traição das côrtes de Lisboa, com a maior sollicitude, com o mais esforçado empenho, e leal demonstração d'alma, lhe pediam o que elle fez!!

Com aquelles que leaes ao sistema monarchico constitucional, que reconheciam, e queriam conservar, se dirigiam a elle, como o Principe herdeiro da corôa, para se escudarem com o poder do seu alto amparo, e dos seus direitos!!

Com Pernambuco, que tambem opprimido por uma junta governativa contraria, logo que pôde expulsa-la correo para elle!!

Com a Bahia afflicta, que subjugada em terrivel despotismo, ensanguentada, em luta com os executo-

res da traidora, ambiciosa assemblea de Lisboa, lhe pedia soccorro para libertar-se!!

E assim todo o mais Brazil, que espontaneamente se lhe reunio, e concorreo com voluntario esforço para repelir na Bahia os oppressores de sua liberdade!

Transigiram sim os republicanos, que vendo o geito que as cousas levavam, unindo-se aos constitucionaes monarchistas, se acobertaram debaixo do manto protector do grande Principe, para depois do passado o perigo de novo o atacarem.

#### IV.

Tres eram os caminhos que se apresentavam para seguir ao grande Principe o Sr. D. Pedro.

Se menos valoroso e illustrado, se intimidasse de tomar sobre si responsabilidades; deixar-nos, seguindo as instancias das côrtes de Lisboa, e o desejo de todos os portuguezes, com que nos viriamos entregues á sanguinolenta anarchia.

Se ambicioso, cruel, quizesse—*guardar o Brazil para entrar no inventario da herança paterna*—pôr-se á testa das numerosas tropas portuguezas, que occupavam diversos, e os mais importantes pontos do Brazil, e de mais que lhe mandariam as côrtes de Lisboa, que nesse caso o sustentariam; e com a numerosa população de portuguezes, que então havia, fazer-nos cruenta guerra, que nos traria os maiores estragos, e da qual quando por fim podessemos triunfar, seria em um estado de atrasos e de perdas, como a retrogradação de seculos.

Se Principe esclarecido, liberal, apreciador da justiça, e da felicidade dos seus povos, abraçar a nossa causa.

Seu generoso coração, sua illustração, e seu grande genio o decediram para o melhor: elle foi portanto o restaurador da independencia, cujos direitos já nos tinha conferido seu Augusto Pai, o defensor da nossa liberdade, o fundador do Imperio, e o doador da liberal constituição que hoje temos.

Uma unica cousa se pôde dizer com fundamento, do Sr. D. Pedro I, ter comprehendido, como toda a gente illustrada daquella epocha, que o desfecho da traição das côrtes de Lisboa, não podia ser outro, senão a separação, e querer ficar com a melhor porção da Monarchia: neste caso fez muito bem.

O imperio no nosso caso, que foi a unanime espontanea vontade do povo, foi o resultado da separação, e não pôde ser considerado—*estratagemã de guerra*—o voto publico nacional.

O compromisso tem todos os Reis no sistema constitucional representativo de o sustentar, e o qual o Brazil tinha já proclamado, conjunctamente com Portugal.

Quanto á José Bonifacio de Andrada e Silva, grande Brasileiro, honra e gloria da patria, ornadô da triplice aureola da virtude, da sciencia, e do patriotismo; foi talhado pela Providencia para ser a segunda pessoa na nossa revolução.

Se não tivesse sido a segunda, debaixo do poder, e dos direitos do Sr. D. Pedro I, não teria sido conhecido no mundo, pela fama que levará seu nome a remotas eras.

Foi mais um serviço que o Sr. D. Pedro I fez ao Brazil, dar occasião de conhecer o mundo tão grande homem, seo natural.

A primeira figura não podia fazer José Bonifanio, não era conhecido: tendo acabado sua carreira, e empregos litterarios em Portugal, achava-se retirado á sua provincia, cheio de serviços prestados, de merecimento, de virtudes, de sabedoria, de patriotismo; porém ignorado de quasi todo o mais Brazil.

No Norte não se sabia que existia em S. Paulo esse grande paulistano, e o seu merecimento.

Foi só quando o Grande Principe chamou para seu lado, o grande Ministro, para dirigirem os destinos da Patria, que o Brazil todo o conheceu, e pôde apreciar o seu merecimento.

E pois que apenas apreciado da sua provincia, e de mais alguém no Rio de Janeiro; faltando-lhe prestigio, não podia influir para com as mais provincias, principalmente do Norte.

E quando, se o Sr. D. Pedro I nos tivesse abandonado, triunfando o partido republicano, as provincias se tivessem separado; nem o logar de presidente, ou chefe da sua, elle occuparia talvez.

Era o caracter do grande paulistano, uma abnegação total de grandesas e honras; o maior desinteresse, que nunca lhe permittio aceitar nenhuma graça de seu Augusto Amo.

Sem o estímulo da ambição, cheio de virtudes, elle não teria podido desenvolver os manejos e intrigas ambiciosas para se apoderar do poder: outro na apparencia máis brilhante, na realidade inferior, o faria, e não elle.

José Bonifacio ficaria desconhecido do mundo, como tem ficado outros grandes homens, por falta de uma occasião appropriada ao seu character.

E mais cabe dizer a respeito deste brilhante ornamento das illustrações brazileiras, que é um grande crime á memoria dos homens illustres, haver quem tenha pegado na penna, para propor um termo de comparação, entre o homem gloria dos seus patricios, e o—pequenino *Tira-Dentes*.—

E' um sacrilegio!! Permitta-se-nos esta expressão, porque a sabedoria, e a virtude, são dimanações da Divindade; querer-se fazer executor das doutrinas do—*Tira-Dentes*—misero sedicioso; o grande homem que ao lado do seu Principe, tomou parte na direcção dos destinos de um povo, na sustentação da liberdade; dá gloria, reclamadas pelo voto unanime de uma nação!! E sobre tudo admiravel, que tenha sido essa penna, a de quem se diz illustrado, e que é tido nessa conta!

## VI.

Não tardaram os brazileiros na demonstração do seu ressentimento, pelo enganô das côrtes de Lisboa, e no accordo que foi unanime de se lançarem nos braços do Sr. D. Pedro I: tanto é certo que elle foi o

seguro recurso do Brazil, que as differentes provin-  
cias, e os differentes partidos, clamando por sua sal-  
vação, clamaram logo todos pelo Principe Regente.

As provincias se declararam na mesma epocha,  
quasi acontecia que umas não sabiam o que se passava  
nas outras; mas o que se passava em todas era a mes-  
ma cousa; os votos por suas liberdades, a opposição  
aos seus oppressores.

Pernambuco logo em Setembro—1821—reunio  
as suas forças em Goiana, com que combatêo às baio-  
netas, o governo portuguez, que o opprimiam, até os  
expellir. Alagoas, Parahiba, etc., o seguiram.

A Bahia fez uma primeira tentativa, em 3 de No-  
vembro do mesmo anno, no sentido de abater a junta  
governativa, e reconhecer a regencia do Sr. D. Pedro;  
que foi mal succedida, e da qual resultou a prizão  
de varios distinctos officiaes mandados para Lisboa,  
morrendo dous de oppressão e desgosto; o Brigadeiro  
engenheiro Bocaciar no mar, e o Capitão de Caçadores  
José Antonio Machado no castello de S. Jorge.

Em Dezembro fizeram-se as representações do  
povo do Rio de Janeiro, de S. Paulo e de Minas; con-  
correram igualmente Rio Grande do Sul e Montevideo,  
então unido a nós: assim foram os mesmos sentimen-  
tos, as mesmas demonstrações delles, por todo o Brazil.

E então quando se resolveo o Sr. D. Pedro I vendo  
a vontade geral da nação; e attendeo aos nossos pedi-  
dos; reunio nossas vontades, vigorou nossos esforços,  
que foram multiplicados de acção, e de poder, com  
o seu nome: e a revolução proseguio, e triunfou;  
e rápida, e brillantemente se apresentou separado

da antiga monarchia Luso-Brazilica o grande Imperio, que se tivermos juizo, um dia será o predominio do mundo: depende essencialmente de nós (1).

---

(1) Todos tem dito, e a opinião tem sido geral, de que cahindo o poder inglez, quem o ha-de substituir é o da união Anglo-Americana; dos Estados de North America. Quem sabe disso! Quem pôde em politica calcular o que ha de acontecer em proximas épocas, quanto mais em remotas! Porque não seremos nós!

O poder inglez não deve cahir tão cedo, e se assim acontecer mais depressa do que é dado esperar-se, deve ficar ainda lá conservado na Europa, em alguma outra nação, antes de ser o tempo de tocar à America, ou de estar alguma das nações della nessa capacidade; e daqui até lá, pôde o Brazil ter-se augmentado muito, e a união Anglo-America atrazado; a celeridade do augmento, não é regra para a duração.

Quando a Azia se illustrar comparativamente à sua grande extenção, riqueza, e população; quando as Colonias inglezas della, se separarem da Mae-Patria; e formarem uma ou varias nações.

Quando na Africa houver civilisação, se é possível espera-la daquella gente, que desde tão remotas eras tem sido visinha, e mais modernamente visitada das nações mais civilisadas, sem desenvolver progresso; ou antes quando maior numero, e importancia de colonias europeas ou americanas a povoarem; a Europa ficará muito distante, e fóra do alcance de ser o centro das relações.

O Grande Architecto do Universo; já construiu, com todas as condições precisas para esse fim, nesse tempo, a soberba Bahia de Nicheroy: porém isto não se poderá fazer sem juizo, e com republicas em cada uma p rovincia.

## VII.

Dissemos que as provincias não sabiam umas o que se passava nas outras; e a esse respeito contaremos, o que vimos entre a Bahia e o Rio de Janeiro, e que não tem sido contado nas historias que temos, com todas as circumstancias acontecidas.

Quando na Bahia os animos não podendo mais soffrer a oppressão, teve lugar o conflicto dos tres dias de combate, 19, 20, 21 de Fevereiro de 1822, que vem descrito e suas causas nas Memorias Historicas do Sr. Accioli, entre as tropas portuguezas, e as nacionaes; estas em muito menor numero, talvez menos da terça parte, se recolheram á fortaleza de S. Pedro, com a idéa de esperarem gente do interior que sollicitou o Commandante Brasileiro; mas cidadãs, sem viveres, sem agoa para se alimentarem, que em uma deliberação repentina, não podia ter havido meios de se prepararem, e a reunião de gente do interior, não podendo operar-se com a brevidade precisa, forçoso foi evacuaem.

Nessa occasião do combate, e da retirada, nada sabiamos ainda das disposições hostis, do General Avilez no Rio de Janeiro com os nacionaes; só alguns dias depois se disse, não com certeza, porque o partido portuguez occultava tudo, que o Principe Regente protegia a causa brasileira, e se oppunha ás tropas portuguezas para as fazer retirar.

O que provam as datas, tendo sido os primeiros movimentos para os embarcar em Fevereiro, e o seu

embarque á 15 desse mez, e nosso combate a 19; e contra munção, sem os vapores, que ainda não tinhamos; não podia chegar á Bahia a noticia com menos de vinte a trinta dias, se houvesse logo embarcação.

Na derrota, tendo ficado a tropa evacuada da fortaleza sem o seu chefe, por querer demorar-se quando não tinha mais forças sufficientes para impedir a entrada dos citiantes, assim ficando em poder delles preso; saltando viveres para se alimentarem todos reunidos, e munições de guerra, e meios e disposições, sem o chefe, e com falta de officiaes superiores, houve uma debandada; posto que nem ainda os mesmos soldados, e menos portanto os officiaes quizessem ausentar-se da causa da patria; antes reuniram-se depois á pessoas influentes, proprietarios, principalmente aos fallecidos Barão de S. Francisco, Viscondes de Pirajá e da Torre, e juntamente com mais gente do Reconcavo, formaram guerrilhas, e postos militares, com que fecharam e ciliaram a cidade, e conservaram os corpos que depois entraram nas linhas do Exercito Pacificador.

Nestas circumstancias, e incerteza de cousas, e com a noticia da dedicação do Sr. D. Pedro á causa brszileira, houve um accordo, tomado por entre mesmo militares, e pessoas da cidade patriotas, influentes, de birem alguns officiaes ao Rio de Janeiro, apresentarem-se ao Regente, para lhe darem parte de tudo, e da dedicação, e vontade de toda a tropa; e

povo da Bahia, com que desejavam unir-se as provincias do Sul, debaixo de sua regencia

Foi de bastante difficuldade o embarque desses officiaes, pela vigilancia dos portuguezes: patriotas da cidade lhes forneceram os meios de achar embarcação, que elles foram tomar em jangadas fora da barra; e foi muito util a sua ida pelo grande sentimento patriotico, que desenvolveo nos animos fluminenses.

Houve ainda alguma demora, por uma embarcação em que seguissem, embarcaram em principio do Março, e gastando deseseite dias de viagem, chegaram em fins d'elle, pouco mais ou menos.

Hiam disfarçados, como paisanos emigrados, não sabendo ao certo, que poder encontrariam dominando, posto que tivessem razão de esperar que fosse o do Principe Regente; e o que sabendo logo á chegada, se apresentaram ao General das Armas da cõrte, o distincto fluminense, então Brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega, e ao Ministro da guerra, o General Oliveira. S. A. não estava no Rio de Janeiro, achava-se em Minas; foi logo avisado pelo 1.º Ministro José Bonifacio de Andrada, e chegou no 2.º dia, tendo sido encontrado já de volta.

No Rio de Janeiro sabia-se de mais uma desordem entre os partidos brazileiro e portuguez, que na Bahia, durante os tres para quatro mezes de Novembro de 1821, a Fevereiro de 1822, estiveram em uma continua guerra de conflictos e mortes diariamente, desde a prisão dos officiaes mandados para Lisboa;

porém não sabiam as circumstancias e gravidade de nossas perdas: a chegada dos officiaes dêo o detalhe circumstanciado da catastrophe, e o seu resultado.

No dia seguinte, tendo-se espalhado, a cidade se mostrou enlutada; varias casas de nacionaes mais distinctos, e influentes, cerraram suas portas e janellas, a grande cidade do Rio de Janeiro dêo todas as demônstrações mais patrioticas, de grande sentimento pela triste sorte da sua irmã.

S. A. chegando, informou-se de tudo minuciosamente, mostrou satisfazer-se sabendo que a tropa nacional retirada, se achava apoiada pelos habitantes do campo, e pessoas distinctas, em torno da cidade; que já na povoação da Itapoan, a tres legoas de distancia, tinha havido um combate, entre uma força de cavalaria, apoiada por infantaria da Legião Lusitana, que foram completamente batidas com perda, por tropa nacional, que ahi se achava, com os habitantes da povoação; e que as principaes villas de Cachoeira, Santo Amaro, e S. Francisco, tinham já mostrado adherencia á causa nacional.

Disse que tomava na maior consideração, com o mais profundo sentimento, o desastre da Bahia, que hia promptamente mandar uma expedição em seu soccorro, da qual os officiaes fariam parte: mandou fornecer-lhes quartel, soccorre-los de soldo, e etape, e que ficassem no Rio de Janeiro, esperando pela expedição, e pelas suas ordens.

Mais tarde, foram chegando as communicações officiaes das Camaras das villas, e finalmente da Junta de governo erecta em Cachoeira.

Um pomposo funeral por sua ordem, e a expensas do thesouro, foi celebrado na igreja de S. Francisco de Paula, pelos martyres da patria na Bahia: disseram todos, que jamais se vira tão grande pompa funebre: vem largamente descrito nas Memorias Historicas do Sr. Accioli.

Em breve se fez solicitar uma subscrição para a expedição em soccorro da Bahia: o Sr. D. Pedro a quiz, porque o erario não tinha dinheiro que chegasse, e para dar ao movimento um caracter de nacionalidade, e na verdade o teve; o dinheiro preciso, rapidamente se preencheo, houve assignaturas, uma de oito contos de reis, tambem de quatro, muitas de dous para baixo.

A expedição se aprontou no breve tempo do Abril e Maio, partio em Junho, se nos não enganamos, composta da fragata *Ipiranga*, sorte de cinquenta ou mais peças, de duas curvetas menores, e de um brigue; levando a seu bordo, alem das tripulações, duzentas praças de pret que eram, uma companhia do Batalhão de Caçadores da côrte, e outra do Batalhão dos homens pardos, que ainda existia organizado; commandadas pelo Tenente Coronel Joaquim Francisco das Chagas Catete, deste batalhão, distincto, e bravo militar, patriota; commandava a companhia de caçadores, o bravo capitão, Guilherme José Carioca, que no Rio Grande, na patente de Coronel, morreo por não querer entregar a espada do Imperador aos rebeldes. Levava mais o Brigadeiro Pedro Labatut, general do exercito pacificador, varios officiaes avulsos para entrarem nos corpos, e os

da Bahia que tiveram ordem de unir-se a ella: muito armamento para infantaria, artilharia, e cavalaria; grande quantidade de polvora, solta em barris, em sacos para peças, em cunhetes de cartuxos emballados; ballas, lanternetas para peças etc. etc., nada faltava.

S. A. animava tudo isto, com sua presença revistando tudo; despertando os brios, e valor patrióticos: assim debaixo do impulso, e determinações do grande Principe nosso heróe, e dos maiores exemplos de grandes virtudes patrioticas, do heroico publico fluminense; partio das aguas da soberba Nietheroy a primeira expedição, que hia formar o exercito pacificador, em soccorro da sua presada irmã.

E Deos, aprazendo-se de tão briosos, e justos sentimentos, a secundou, que jamais tiveram as armas brasileiras, senão triumphos, desde que chegou a expedição, até a retirada da divisão portugueza.

Não sendo nossa intenção narrar neste escrito a historia da guerra da independencia na Bahia, deixamos de a proseguir.

## VIII.

Os acontecimentos do Rio de Janeiro, e Bahia em algumas de cujas circumstancias temos tocado no artigo antecedente, e que tiveram tão pronto e facil resultado, feliz e vantajoso para nós; em que resultariam se não tivéssemos o Augusto Sr. D. Pedro I Fundador do Imperio?

Jorge d'Avilez com mais de dous mil homens, na

posição do Morro do Castello de que se apossou, podia fazer grandes estragos, e não ter querido ceder, como cedeo, em consideração ao seo Principe.

Não eram só dous mil homens com que poderia elle contar no caso supposto; as tropas brazileiras tinham corpos com chefes e officiaes portuguezes, que com pronta facilidade se uniram ao Principe, que o era igualmente de uns e de outros, e sobre o qual descansaram a respeito de suas responsabilidades, que elle tomava sobre si; mas não o tendo, e só considerando-se obrigados aos decretos d'El-Rei, então coacto pelas côrtes de Lisboa, e aos dellas, teriam obedecido a ellas, e mesmo concorrido com tropas brazileiras, que commandassem, para a causa portugueza.

E não se pôde duvidar dessa possibilidade, porque tivemos na Bahia o exemplo dos esquadões de cavallaria, quatro companhias, que eram compostas de soldados todos nacionaes, e tambem varios officiaes, levados pelo prestigio e obediencia ao seu chefe, o Tenente-Coronel Francisco de Paula e Oliveira, unirem-se ao partido portuguez, desde o principio, batendo-se comnosco, como os portuguezes, até o fim, que se retiraram com elles.

As milicias do Rio de Janeiro tinham corpos, preenchidos completamente por homens portuguezes: o regimento da Candelaria era todo composto dos logistas, e caixeiros da rua da Quitanda, e de outras; algum mais haveria assim, que concorreriam com a tropa portugueza; como aqui na Bahia concorreram os dous regimentos, dos Uteis, 1º de milicias, e dos

Auxiliares 2º, compostos dos portuguezes do commercio, que augmentaram as fileiras da Divisão do General Madeira.

O resto da officialidade da Esquadra que nos ficou, tudo de gente portugueza, não deixaria de obedecer a Portugal.

O commercio, então todo portuguez, unir-se-hia ás suas tropas, ajudando-as, soccorrendo-as com seus dinheiros, com a marinhagem de seus navios, com os proprios vasos, para armar em guerra, etc., como aqui fez na Bahia, onde só nos achamos com a lavoura que era dos nossos patricios.

Um governo devia ter deixado o Sr. D. João VI, na falta de ficar o Sr. D. Pedro; e com qualquer categoria que fosse, seria composto de gente portugueza, pertencente ás côrtes de Lisboa, como foram os das mais provincias, porque a revolução no Rio de Janeiro foi toda portugueza, como em todo o Brazil.

Do que resultaria ao Rio de Janeiro cruenta guerra, terriveis desgraças, e o maior prejuizo.

E a Bahia como ficaria!!

Não poderia ter sido, como foi, generosa e prontamente soccorrida pelo Rio de Janeiro; teria de lutar com a mais triste e desventurada sorte.

Foram estas cidades para onde se esforçaram as côrtes com remessas de tropas, e as que mais lhes convinha possuir; pela sua importancia, e pela commodidade e segurança dos seus portos: o Rio de Janeiro para dominar o Sul, a Bahia, o Norte.

O Rio de Janeiro estava melhor, porque Minas, e S. Paulo, muito visinhos, que não tinham dominação

de tropas portuguezas, e que o desejariam livre para o seu commercio, o ajudariam; todavia com embarcos, por difficuldade de armamento e munições, cujo recurso ficaria em poder dos portuguezes, senhores do mar.

Libertado elle, depois de muito ferido nas suas precisões vitaes, todas as forças portuguezas se concentrariam na Bahia, e elle com as perdas que lvesse soffrido, sem esquadra que lhe não ficaria, nem talvez meios de a levantar, occupado de sua defeza, que ainda precisaria guardar, e dos arranjos internos do seo governo, etc., teria talvez muito bons desejos, sem poder passar dahi.

Pernambuco estava no mesmo caso, e mais ao alcance de ser bloqueado, e perseguido pelas forças navaes que Portugal manteria na Bahia.

As mais provincias são mui distantes, e sem os meios das duas apontadas: Rio Grande do Sul tendo mais sobre as outras, a inquietadora visinhança dos Hespanhoes: Pará, e Maranhão estariam talvez ainda no dominio de Portugal: e todas entrando a ter logo partidos por suas eleições, e governos, ficavam tendo, cada uma, muito que fazer dentro em si.

Nem uma outra nação viria auxiliar-nos, sendo a politica de todas hoje não se intrometerem nos negocios particulares de cada uma.

A Bahia teria largo tempo, e grandes sofrimentos por que passar, e é bastante difficil calcular a sorte que lhe caberia, antes que pudesse libertar-se.

E de tudo isto nos salvou a resolução do Sr. D. Pedro I de abraçar a causa do Brazil.

## IX.

Pequeno tem sido o partido republicano entre nós, e constantemente vai em diminuição, porque a conveniencia do governo monarchico, cada vez mais claramente se demonstra.

Antes da transferencia da corte de Portugal, o Brazil não podia ter outro meio de libertar-se, senão esse; por isso o sistema teve então maior numero de partidistas; porém com a chegada della, cahio inteiramente da possibilidade de conseguir os seus fins.

Tanto assim é verdade, que vio elle em torno de si; constituirem-se republicas, as diversas partes das colonias hespanholas, sem dar demonstrações de as querer imitar; e o máo successo dos governos republicanos nesses estados, mais servio para afastar as idéas da inclinação anterior a tal respeito.

E mais posteriormente, por motivo especial, não inteiramente originado no Brazil, quando rebentou em Pernambuco a revolução de 1817, nesse sentido, cahio logo, como temos já dito: e ainda na proclamação da constituição portugueza, que os republicanos quizeram aproveitar, foram suplantados pelo partido monarchico constitucional ao qual se reuniram.

Tudo isto tem sido perdas que tem elles soffrido, hoje na massa geral da população, poucos devem existir; não só pelas razões que temos dito, como pela nossa educação, e costumes monarchicos já adquiridos, e pela nossa indole, ou character, que não é o próprio para as virtudes rudes, e violentas das re-

publicas, ás vezes contrarias aos sentimentos naturaes.

Qual dos nossos generaes, ou qual dos nossos grandes funcionarios, se sugitaria depois do ter exercido esses elevados empregos, a servir de fiscal das nossas camaras, ou cousa igual ! Mas Epaminondas, grande geral, que elevou Tebas ao fastigio da gloria, foi depois de taes serviços, eleito pelo povo para um emprego do cuidado das limpezas, e outros arranjos da cidade, pouco mais ou menos correspondente ao que citamos!

Não foi só naquellas republicas antigas; na epocha moderna tivemos também um Epaminondas, no grande Washington, o heroe dos Estados-Unidos, que depois de lhes segurar a independencia, com sua sabedoria, e valor nas armas, recebeu a mesma remuneração dos partidos da sua republica, seos opositos, e emulos da sua gloria; elegendo-o para um logar de Juiz de Paz, que elle exerceo com a mesma grandeza d'alma, como o celebre grego, illustrando-se ambos assim mais; porque as vinganças e abatimentos que se procuram dar aos grandes homens mais os elevam.

Qual o brasileiro que votaria a proscricção de um homem virtuoso, illustrado, eminente no amor da patria, grande ornamento della; unicamente por estar aborrecido de ouvir fallar muito nelle? Como se sabe de um atheniense, que votando contra Aristides, a elle mesmo, que não conhecia, pedia que escrevesse o seo proprio nome, e lhe dava esta razão !!

Isto são sem dúvida virtudes, ou deveres repu-

blicanos; porque em taes governos, no primeiro caso que apontamos, um mesmo cidadão deve estar pronto a ser, em uma campanha o general, em outra um soldado; em um anno o administrador das rendas publicas; ou do erario, em outro o cobrador das decimas, ou multas mais insignificantes.

No segundo caso, um homem illustrado, muito acceito do povo, sobre o qual tenha uma preponderancia, pode vir a ser um usurpador: assim usurparam muitos na antiguidade o dominio, e poder nas republicas: assim modernamente o grande Napoleão I se apoderou do throno da França na primeira republica, e o actual na segunda.

Assim tambem o grande Washington, grande, o verdadeiro republicano, se teria apoderado do throno, ou da dictadura nos Estados-Unidos, se tivesse querido, servir-se do seo poder, e ascendencia no exercito e no povo. Vejam-se as historias dos Estados-Unidos d'aquelles tempos.

E assim as republicas hespanholas, nossas vizinhas, e o Mexico tem andado em diversas mãos.

Nas respublicas a sorte dos grandes homens, é mais incerta do que nas monarchias; as maiores perseguições, as proscipções, e toda a sorte de condemnações, soffreram sempre elles, dellas, independente de commoções politicas, ainda nos tempos ordinarios; porque a epocha dos grandes feitos dos mais illustres varões, e quando elles mais merecendo da pátria, podem mais adquirir os respeitos e considerações; é tambem a das desconfianças, invejas, receios, que

logo se formam contra elles; verificando-se a respeito delles, a bem conhecida maxima; de que o dia do beneficio, é a vespera da ingratição: o que não acontece igualmente nas monarchias, principalmente nas perpetuas, heriditarias como a nossa, e outras; porque um poder que existe superior a tudo, ao qual ninguem mais póde chegar, evita as desconfianças, e garante a sorte dos benemeritos da patria, que esse mesmo poder por sua propria gloria, e estabelidade, é nimiamente interessado em garantir, o premiar.

Por essa mesma razão talvez, não dão sempre o devido apreço, e renumeração aos grandes feitos dos seus servidores.

Nos mesmos Estados-Unidos os bravos que derramaram o seu sangue pela independencia; tiveram muito de que queixar-se.

Nas perseguições, nas vinganças, são mais terribes as republicas: em nossa epocha mesmo, achamos na França a horrivel mortandade da 1.<sup>a</sup> que fez espanto; sendo até condemnados pelo Conservatório, generaes por perderem uma batalha, que antes tinham ganho outras.

Na presente dissensão dos Estados-Unidos, ali está desenvolvido grande furor de uma e outra parte; chegando ao ponto excessivo, ainda não visto; ao menos entre nós, de levantarem corsarios uns contra outros da mesma nação: parece uma guerra de extermínio, não tem havido acomodação; nem talvez a haja; e deverá acabar pela inteira ruina do partido mais fraco, e grande também do mais forte.

E com tudo isso não tem as republicas podido livrar-se das ambições, e da elevação de usurpadores, que as tem desordenado e aniquilado; acontecendo sempre mais cedo ou mais tarde que, por essa causa, ou por effeito da anarchia, que degenera suas instituições, venham a formar monarchias, ou sejam absorvidas pelas já existentes.

O systema monarchico representativo que nos rege, é o que se tem conhecido de mais conveniencia; essencialmente ás grandes nações; em que os povos gosam da liberdade que convém terem, com mais estabilidade de instituições: o povo inglezahi está florescente, rico, poderoso com elle, que desde antiga data o rege; mais nações o tem adoptado com feliz successo; nem mais liberdade gosam os republicanos dos Estados-Unidos, do que nós com a constituição liberal que temos: se mais florescentes estão, devem a outras causas.

## X.

Perém pequeno como é o partido republicano, os seus campeões tem sabido com arto aproveitar-se das occasiões de desconfianças, de perturbações, e de calamidades publicas, para o apresentarem, e excitarem animos, trazendo o exemplo dos Estados-Unidos; em uns por indisposições e paixões particulares, em outros, porque contempladores de bellos idéaes, muitas vezes impraticaveis para umas circumstancias, se o não são para outras, levados por uma inclinação voluvel, de julgar o alheio melhor

que o proprio, sem a devida reflexão, e indagação de causas; ajuizam ser o sistema republicano, o que tem elevado esse paiz com tão espantosa rapidez; quando na realidade outros tem sido os meios de sua elevação, que se fosse aquelle, teria feito tambem florescer as mais republicas das colonias hespanholas.

A Inglaterra e a França, que foram as colonisadoras da principal parte dos estados, que formam a União Norte-Americana; não comprehendendo os terrenos, que depois foram tomados ao Mexico; poderão mandar para alli mais gente, do que Portugal para o Brazil: de Inglaterra, e mesmo da França, as dissensões religiosas fizeram sahir, não somente emigração, mas tambem muitos fundos de dinheiro, e industria, para essas colonias, de gente que perseguida para alli concorria, onde podiam exercer seus cultos em liberdade mesmo antes da separação.

A Inglaterra desde muito tempo possui o emporio das riquezas de commercio, industria, fabricação, e de numerario, o que tudo refluia sobre suas colonias, principalmente sobre essa que era a melhor porção que ella tinha na America.

Com quanto seguisse ella o sistema colonial da Europa sobre a America, e os Estados-Unidos tivessem tido de que queixar-se, por cuja causa se separaram; todavia não podia mesmo por interesse proprio de melhor lucro seu, e de suas instituições, deixar de dar-lhe grandes concessões, e de partilharem elles dos grandes recursos geraes da nação, com que muito se engradeceram os paizes que hoje formam a União.

O sistema liberal constitucional, desde antiga data rege a Inglaterra, e regia tambem suas colonias; que já tinham essencialmente essas, antes da separação, varios direitos de seu governo interno.

Eram já quasi independentes, com suas assembleas legislativas, com seus governadores, que a varias das provincias era concedido elegerem por votação popular.

Estavam por tanto já muito consideraveis, em um grande estado de força, e de illustração, e nenhuma outra prova mais se precisa dar disso, do que o proprio facto de terem podido arrostar o poder inglez durante sete annos e triunfar d'elle.

No estado em que se achavam, não tendo sido a realza introduzida entre elles, como entre nós, e sendo suas instituições democraticas, não tinham outro recurso senão constituir-se como o fizeram; e isso que foi o effeito da necessidade, e das disposições anteriores, não pôde servir de prova para que seja o melhor.

Todas estas considerações deixam ver, que o grande floresciaimento dos Estados-Unidos da America, não é só a obra da moderna republica, mas sim tambem das antigas liberaes instituições, e do poder e riquezas da Gran-Bretanha.

Depois de estarem independentes, tem sempre recebido uma colonisação grandemente concorrida: e por ventura será o systema republicano quem a atrahe? Não são os colonos republicanos, mas sim pela maior parte inglezes, e allemães; que são monarchistas.

É a proximidade muito maior da Europa; é o clima igual, ou pela maior parte muito semelhante; é a absoluta liberdade de cultos, com todas as diversas crenças religiosas, é a lingua para uns a mesma; para outros mais analogá, é a igualdade de caracter, de indole, de educação, e de origem; é finalmente o habito, o costume, que tem muito poder sobre os homens, e em que estão os povos da Europa, desde mais antiga data do emigrarem para os Estados-Unidos; quando nós, nem outra alguma parte da America, recebia ainda colonos estrangeiros.

Estas circumstancias que se tem dado nos Estados-Unidos, com o governo republicano, podiam dar-se em qualquer monarchia com o mesmo florescimento, ou nelles mesmos da mesma sorte, se assim como nós se tivessem constituido monarchicamente.

Tivessemos tido cá essas vantagens, como elles tiveram, e se veria até onde teriamos chegado em florescimento e poder.

Quando nós, tão poucos em um paiz tão extenso, não tendo quem nos suprisse de população, senão nma das mais pequenas nações da Europa, que não tem passado de quatro a cinco milhões de habitantes, os que existem em Portugal, que são os que emigram.

Quando nós, divididos nas costas extensissimas deste tão grande paiz, em diversos pontos por toda ella, distantes uns dos outros, e por vastissimos immensos sertões, sem os precisos meios para facilitar-mos as communicações dos nossos recursos, espalha-

dos nossas logitudes, temos assim mesmo chegado ao progresso em que já estamos!

De tudo pois que temos dito, queremos concluir, com todo o fundamento, que os anglos-americanos, que formão a republica dos Estados-Unidos; nem são melhores homens do que nós, nem tem instituições melhores do que as nossas: o que o tempo mostrará, se tivermos, como é de esperar do bom senso, e firmeza de caracter dos brazileiros, a prudencia de as conservar.

Dizem mais os apaixonados dos Estados-Unidos, que são aquelles povos muito emprehendedores, tendo com esse espirito adquirido muito progresso. Tem mais meios de o poderem ser do que nós; e se isso é assim verdade, não é devido ás instituições republicanas, mas á disposição natural delles: tambem os inglezes o são muito, e os francezes, que são monárchistas; e nenhum povo apresentou ainda, maior desenvolvimento, grandeza, e gloria nas emprezas do que o portuguez.

Para provarmos que estas idéas não são nossas particulares, e sim fundadas em respeitaveis auctoridades, trancrevemos aqui um paragrafo analogo ao que dizemos, de uma das historias mais apreciadas da revolução dos Estados-Unidos da America.

Historia da guerra da independencia dos Estados-Unidos da America por Mr. Charles Botta. Tom 1º L 1º Pag. 12. Tradução em francez, edição de Pariz de 1812. E que passamos a portuguez para melhor facilidade de qualquer dos leitores.

Os habitantes das Colonias, essencialmente os das

partes orientaes, gosavão não somente do abrigo, porém também da propria essencia, do governo inglez, a cujo respeito, pouco lhes faltava para serem inteiramente independentes: elegião os seus magistrados, e os pagavão, e decidião de todos os negocios relativos a administração interior: o unico signal de dependencia, que elles davão ainda á sua antiga patria, era o de não poderem fazer leis, ou estatutos contrarios á letra, ou espirito das leis inglezas: o rei tinha a prerogativa de anular as deliberações de suas assembléas; emfim erão submetidos aos regulamentos, e restricções de commercio, que o parlamento julgava necessarios ao bem geral do imperio britanico, com tudo esta dependencia era como que illusoria; quasi nunca o rei recusava sua sancção, e quanto ás restricções commerciaes, elles sabião illudi-las habilmente por meio do trafico de contrabando. As assembléas provinciaes, erão inteiramente livres, mais talvez do que o proprio parlamento da Inglaterra; não havendo ali ministros para espalharem diariamente a corrupção; o ardor democratico apenas conhecia um freio pouco sensivel, sendo para notar que os governadores, que intervinhão, em nome do rei, exercião uma muito fraca influencia; era das provincias que elles recebião os seus vencimentos e não da corôa, em algumas erão eleitos por sufragio dos habitadtes.

## XI.

Todos sabemos as grandes difficuldades que se

apresentaram, depois da guerra da independencia, ao governo do Sr. D. Pedro I.

O partido republicano, que tinha dado as mãos ao monarchico constitucional, e igualmente com elle sustentando os direitos, e a liberdade da patria, agora se separava, trabalhando na realisação dos seus desejos.

Aqui mesmo na Bahia, logo com o triunfo, e entrada do Exercito Pacificador, elle procurou fazer proselytos, entre a officialidade, e a união, que não pôde todavia conseguir, della com Pernanbuco para a revolução que mais tarde rompeo.

Havia uma grandissima vaga de lugares a preencher, que tinha deixado a retirada da côrte do Sr. D. João VI, dos que tinham sido prebendidos por pessoas portuguezas, que a seguiram: havia muitos empregos a criar de novo; porém muito maior do que tudo isso, era o numero dos pretendentes; cada um julgando-se com grandes merecimentos para grandes remunerações; e o Sr. D. Pedro I não podia contentar a todos em tudo que queriam.

Difficuldade tinham as autoridades na execução de suas funções, com a licenciabilidade occasionada pelas circumstancias da revolução, e a exaltação dos animos, nas rivalidades antecedentes, e odiosidades, entre brasileiros e portuguezes.

Coincidiam as circumstancias de ser nascido em Portugal o Sr. D. Pedro I, e de ter havido muita gente portugueza, que tendo adherido á nossa causa, estava em igual caso, como nós os nacionaes, e com os mesmos direitos aos seus empregos, e elevações; des-

tes mesmos naturaes de Portugal, e não poucos, estando uns possuindo, outros na carreira dos mais altos logaros, e que nelles foram conservados, admittidos a seus accessos continuando a servir, como pediam que fosse, a justiça, a dignidade do governo, e a nacional.

Da coincidência destas duas circumstancias, mais ainda que da exaltação das pretensões, se originaram contra o Sr. D. Pedro, muitos queixumes, grandes intrigas, que lhe fizeram os seus inimigos, que eram os do throno.

Espalhou-se que o Sr. D. Pedro I dava a preferencia em tudo aos portuguezes, que admittia a empregos não só os que tinham sido ad erentes, à independencia, como a outros; e que queria fazer delles uma barreira contra os brazileiros: e taes noticias que se espalhavam por todo o imperio, fizeram grande impressão nos animos, que inflamados pelos successos passados, com isto entraram em grandes desconfianças.

Todas estas causas, como todos sabemos, concorreram para as grandes commoções, que tem soffrido nosso paiz, em todas as provincias.

Ellas concorreram tambem, desde o principio, para um espirito exaltado de desejo de liberdade, e de novas instituições, que se desenvolveo na assemblea constituinte, e para o de divisão entre os seus membros, a saber os que queriam conservar o throno monarchico constitucional, como se achava, e se acha hoje; e os que pretendiam abala-lo se podessem.

Não é nossa intenção entrarmos na indagação do

procedimento daquella assemblea; porque não nos achamos com sufficienciã para isso; e por que guardamos o devido acatamento, a muitos dos mais distinctos, e illustrados brasileiros daquella epocha, varões insignes, que prestaram eminentes serviços ao seo paiz, que nella tiveram assento, e preponderancia.

Só intentamos trazer á lembrança alguns factos e circumstancias, que provam não serem falsas, nem faltas de fundamento, as razões que teve o Sr. D. Pedro I para dissolver-a, e que apresentou desse seo procedimento.

Porque com quanto tivessem sido grandes aquelles homens, e merecido para sempre da patria um tributo de respeito e gratidão; eram homens, tiveram paixões, e erros.

Entre varias idéas exaltadas, que alli se desenvolveram em discussões muito calorosas, citaremos as duas de uma absoluta liberdade de cultos, em que se fállou com muita licença, e a de uma grande extensão nas attribuições do tribunal do Jury, havendo até, se nós não enganamos, quem se lembrasse de querer applica-lo para causas do fóro civil contencioso.

O espirito republicano tambem teve ingresso na consittuinte, e ás odiosidades e vinganças; principalmente pelo orgulho de alguns de seus membros, que merecimento tinham em si, e valor real em suas capacidades e serviços, para se revestirem de um nebre orgulho, mas que nessa parte pecaram por excessivos.

Em consequencia de tudo isso, as discussões ad constituinte foram augmentando sempre em calorosa

agitação; tornaram-se turbulentas, ameaçadoras, e finalmente a assemblea se declarou em sessão permanente, e nesta apresentou uma batalha campal, muito formal, ao Imperador, cujo resultado devera ser a queda de um dos poderes.

Foi nestas circumstancias que o Sr. D. Pedro I a dissolveo, e não podia fazer de outra sorte.

Tambem não erramos em asseverar, que não foi só a resolução do Sr. D. Pedro I dissolvendo-a, quem a acabou, mas sim o voto geral da nação; porque toda ella vio a dissolução sem se oppôr, e voluntariamente aceitou a liberal constituição que elle dêo.

Porque a nação sempre quiz o governo monarchico constitucional, que felizmente nos rege, desde os primeiros movimentos da revolução, e constantemente até agora.

A revolução de Pernambuco, que conhecemos com o nome de revolução de Carvalho, e que se diz que foi effeito da queda da constituinte; podêra passar por isso, se não existisse alguém mais, dos que formaram o Exercito Pacificador, que possa lembrar-se do que acima temos dito.

Estava premeditada, como dissemos, desde o triunfo e entrada na Bahia: reuniões e muitas diligencias se fizeram, com a idéa de congrassar as vontades das tropas bahianas e pernambucas: e então quando ainda, se bem nos lembramos, a constituinte não estava reunida, nem se sabia portanto a marcha politica que tomaria.

Por essa causa foi assassinado no seo quartel, aqui na Bahia, o commandante das armas Felisberto Gomes;

que talvez teve algumas indiscrições de promessas, e porque se oppoz, e tomou providencias contra.

Tinha de apparecer, ainda que não tivesse sido dissolvida a constituinte; e talvez os seus chefes não se confiando no resultado, se aproveitaram daquella occasião que lhes podia dar mais esperanza.

Foram porem baldadas, e esses mesmos movimentos mais serviram para mostrar a approvação da nação, á resolução Imperial de dissolver a assemblea, e sua adhesão ao sistema monarchico representativo; porque as cousas em Pernambuco se accomodaram, sem muito trabalho ou demora, concorrendo nas fileiras monarchicas varios de seus bravos e melhores officiaes, que eminentemente patriotas e constitucionaes, acabavam de distinguir-se muito, e suas tropas na guerra da independência na Bahia.

E na Bahia a sedição de um só corpo que perpetrô o assassinato do commandante das armas, foi prontamente reprimida com suas proprias forças fieis á monarchia.

E a grande maioria do imperio, vio tudo tranquilla, e concorreo prontamente com as medidas tomadas por S. M. o Sr. D. Pêdro I, e com seus deputados para a nova assemblea convocada.

O insigne varão José Bonifacio de Andrada e Silva nada compartilhou das idéas que tiveram, no seu tresvario de febre politica, varios dos respeitaveis brasileiros da assemblea constituinte.

Não compareceo nessas calorosas discussões, nem na batalha formal dos dias da permanencia; senão

na vespera da dissolução, acarretado por seos irmãos, e tornou a retirar-se.

Todo o Rio de Janeiro soube disso, e vio esses factos notorios; assim como que S. M. o Imperador não o comprehenderia na deportação, se elle não tivesse querido irresistivelmente seguir a sorte de seos irmãos.

## XII.

Os illustrados deportados receberam de S. M. o Sr. D. Pedro I, a consideração de lhes dar um subsidio, (1) e dos seus compatriotas tiveram sempre a veneração devida aos seus merecimentos.

Jamais deportados foram tão distinguidos.

A charrua *Luconia*, que os levou para França, arribou a Vigo debaixo de temporal, que bem se sabe serem perigosos naquella costa, e em toda a bahia de Biscaia.

Só a indisposição de partidos, e uma expressa intenção, pode ter querido attribuir essa arribada a má fé do governo do Sr. D. Pedro I, sem fundamento algum documentado.

É a confundir com quaesquer pretensões que podessem ter tido as auctoridades hespanholas, cujo go-

(1) Temos em nossa lembrança que foi concedido esse subsidio; mas não temos podido achar aqui na Bahia um documento official: se por ventura estamos enganados, retiramos o que dissemos a tal respeito, e que podem verificar os que se acham no Rio de Janeiro.

verno conservando ainda então esperanças de suas colonias, podia ter querido prestar um serviço ao portuguez, com o qual se considerava em iguaes circumstancias.

A intervenção de diplomacia anglo-franceza, se a houve, só podia ter sido por effeito de reclamação brazileira, do parte da *Luconia*; para livrar-se da pretensão hespanhola contra nossa bandeira, que não era ainda de nação reconhecida.

A *Luconia*, e o commandante que a levou, foram talvez a mais sufficiente embarcação, e official, de que pôde dispôr o governo do Sr. D. Pedro I naquella occasião.

Como esse official, igualmente dentre os mais que composeram a esquadra, foram varios senão de Góa, da companhia ingleza das Indias orientaes, admittidos ao nosso serviço, como officiaes brazileiros que ficaram sendo.

Não os havia ainda que commandassem nacionaes brazileiros, e a esquadra estava talvez fóra do Rio de Janeiro.

A dous de julho foi a retirada da frota portugueza, setenta e tantas velas que sahiram da Bahia alem dos navios de guerra.

A esquadra brazileira, que bloqueava a Bahia, e que não passava de dez ou doze velas, seguiu perseguindo a frota portugueza.

Do caminho lord Cockrane largou a frota em cujo seguimento hia, e foi com mais velas para o Maranhão, para o tirar do dominio portuguez em que estava.

Ainda depois algumas embarcações estiveram occupadas em condução, e guarda de presas no porto da Bahia.

A *Nyctheroy* seguiu a frota portugueza até a fôz do Téjo, e a Madeira por onde andou.

Tambem no Pará houve força naval. Combinando por tanto as datas de 2 de julho a 12 de novembro, que são quatro mezes e poucos dias, a esquadra não podia ainda estar reunida no porto do Rio de Janeiro.

A não chegou a 9 de novembro, e se alguns vazos mais foram chegando, depois desse longo serviço do bloqueio, e os subseqüentes, não estarião prontos para outra longa viagem, como a *Luconia* que se achava no porto.

A resolução do Sr. D. Pedro I foi violenta, e não podia ser de outra sorte para segurança do Throno Imperial, e tranquillidade da Nação, porem sem crueldade ou rancor.

A deportação foi medida indispensavel para acalmar a agitação politica.

Finalmente diremos que, quando pela abdicação, o Sr. D. Pedro I teve de retirar-se para a Europa; e escolheo para tutor de seus Augustos Filhos, o maior penhor do seo coração, e da felicidade da Nação, a José Bonifacio de Andrada; foi isto uma prova dada de confiança, que não podia ter tido logar, se em sua consciencia achasse, ter procedido para com elle iniquamente.

E quando um pouco mais tarde, a Nação não satisfeita com as consequencias da abdicação, e com

as regencias, e o sem numero de desordens, e anarchia em que ficou, chorou a sua falta, e o desejou; foram os Andradas os indigitados principalmente de solicitarem a sua volta, de serem os chefes do partido que apellidamos—Caramurú ou Restaurador. — E não está na ordem das cousas provaveis, taes homens desejarem a restauração de um Principe, que os tivesse tratado cruelmente, e sido injusto, despota para com elles e a Nação.

### XIII.

Se por ventura o Sr. D. Pedro I tendo dissolvido a constituinte, deixasse de dar a constituição que deo, e de convocar outra assemblea; o Brazil que acabava de sustentar uma lucta pela sua liberdade, não se resignaria, e então es monarchistas constitucionaes, seriam os mais agravados.

Porem não! O Grande Principe não se deixou esperar; e essa idéa nem na mente dos mesmos republicanos, ou antes dos que por descontentes se dizem assim, teve entrada, apesar de terem elles querido aproveitar a occasião.

A Nação toda vio, que o Sr. D. Pedro I foi forçado a dar o passo que deo: todos até os seus contrarios, que bem conheciam sua magnanimidade, e firmeza de principios, sabiam que elle não pretendia governar o Brazil despotica, ou absolutamente.

A constituição depressa appareceo, de sua deliberada vontade, no curto espaço de 12 de novembro aos primeiros dias de janeiro seguinte, filha da gran-

de illustração de sua alma, que o fazia bem comprehender o que o povo queria, e precisava.

Foi remettida ás camaras municipaes de diferentes provincias, que só responderam pedindo que fosse logo jurada, e com effeito o foi a 25 de Março.

Excepção feita dos movimentos em Pernambuco, cuja anterior premeditação já acima mostramos, a Nação toda esperou confiada no seo Rei, e o seo Rei correspondeo á sua confiança.

Havendo mais a notar-se, para mais claramente conhecer-se, que não foi ella effeito dessa opposição; o ter sido apresentada antes desse movimento, o qual só teve logar mais tarde, e quando se espalhou que uma armada portugueza se apromptava para atacar o Brazil.

Agora mesmo tem sido uma dessas occasiões, em que temos andado em quasi todo o Imperio, perseguidos de transtornos, que em umas partes com sêcas excessivas, em outras com deluvios, tem atacado a nossa lavoura, base de nossa riqueza; e por essas e outras circumstancias, trazido terrivel crise pecuniaria, perseguidora de todas as classes da sociedade: e assim que todos afflictos, e prejudicados em seus interesses, uns queixosos de causas, que realmente tem sobre elles pesado, outros de algumas talvez supostas, que na sua afflicção, e perdas lhes pareça os terem atacado; querem elles apparecer para nos appresentarem remedios, que longe de nos trazerem beneficio, empoorarão nossas circumstancias; como fizeram com a abrilada, os auctores dessa ingratição, que não só o monumento sentenciam, como

os corações brasileiros, verdadeiros amantes da sua patria; que nos trouxe tão terriveis males cujos effeitos ainda sentimos.

## XIV.

E' possivel que algumas pessoas reprovem a idéa que aqui emitimos, da parte que attribuimos ao Sr. D. João VI na nossa independencia; porque é cousa em que se não tem fallado, e que alguém julgará menos brilhante para nossas glorias; porem não pensarão acertadamente; pois está bem claro, que o mesmo heroismo desenvolveo o Brazil, sustentando a independencia, que de facto e de direito já possuia, como proclamando-a, se ainda a não tivesse adquirido; o que ninguem pôde duvidar que elle faria, e que nós mesmos na primeira parte deste escrito temos provado, que faria impreterivelmente, por força das circumstancias.

Nem por ventura deve alguém entender, que no sentido em que temos fallado, aquella guerra que fizemos deixe de parecer, como na realidade foi, a da independencia; porque foi feita por ella, para a sustentarmos, e nos separamos para de todo a consolidar; e o que firmou o glorioso triumpho, do dia o mais memoravel de todos os seculos da nossa historia o =  
DOUS DE JULHO.

Quanto á outra razão de não se ter fallado ainda nesse sentido, por isso mesmo mais o desejamos fazer; porque julgamos uma falta, que se deve reparar, o esquecimento de trazer á lembrança, as relações com

os mais successos, que teve esse facto historico, seguramente grande, e do qual provem o nosso governo Monarchico Constitucional, a nossa força, unidos em uma só grande nação.

E porque a nossa historia ainda não estando escrita, nem qualquer de nós, podendo ser o historiador da nossa revolução; porque todos em maior ou menor parte estamos envolvidos nos partidos que se tem cho-cado, e combatido, e querido sustentar-se: e só o de-vendo ser portanto nm de nova geração, despido de qualquer ligação com as intrigas havidas.

E a geração da independencia estando acabando, e breve não devendo haver um só desse tempo: e a par dessa cadente, uma nova se elevando, de mocidade talentosa, e illustrada, da qual algum será o nos-so historiador; que consultando os escritos que achar e todos os documentos, do que tiverem dito uns e ou-tros; combinando factos, etc., poderá escrever com imparcialidade a verdade que conhecer por suas in-dagações: para então póde ser que neste pequeno es-crito depare com alguma cousa que lhe sirva. Por isso tambem com esse fim o escrevemos, com a verda-de que deve apparecer na historia, embora de alguem sofframos critica

**FIM.**

# NOTA.

Compreende-se bem claramente do que ha escrito, que essa intenção de revolta, ou sedição, teve por principio o pagamento dos impostos do ouro, que estavam atrasados; e que os conjurados aguardavão a occasião da cobrança para effectua-la, de onde bem se pode deduzir, que ella não appareceria, senão se procurasse cobrar aquelles impostos; e o que mais certifica terem sido elles a causa: não queremos dizer que fosse isto infalivelmente; talvez os conjurados fizessem sempre a revolta, ainda não se fazendo a cobrança; mas segundo o que consta, e pela demora, e denunciação delles, temos liberdade para pensar que podesse acontecer de uma ou de outra sorte, porque existem circumstancias para duvidar.

Além disto, temos liberdade também para pensar, que Tira-dentes não teve um plano, nem era capaz de o conceber, nem que fosse o chefe da revolta; foi um emissario, um colaborador; na nossa opinião um homem facil, que podera ter sido muito bom, amante da patria, e da liberdade; mas que morreo por ignorancia, compromettendo-se por ella, mais do que outros, que terião mais parte; porque elle foi mandado para o Rio de Janeiro pelos conjurados, para procurar par-

tido, uma pessoa com quem fallou lhe segurou, que terião apoio estrangeiro, e volta com isto só, que o satisfaz, e aos outros, e o comprometeo talvez mais; por aqui devemos julgar da sua inconsideração e dos mais conjurados. E é este o plano que veio seguir o grande José Bonifacio! E' este o primeiro patriarcha, e José Bonifacio o segundo! Pode-se o chamar um martir; porém não um patriarcha. Isto é querer-se compôr uma fabula, como composerão os exaltados gregos, que de um grande bebedor, fizeram o Deos das vinhas, de uma mulher bella, lasciva, a Deosa da formusura, de um tocador de viola, o Deos das armonias etc. etc.

Grande cousa é a invenção republicana, desde aquelle tempo tão antigo!!

---

Adverte-se, que o embarque dos officiaes que foram da Bahia para o Rio de Janeiro, por occasião do combate de Fevereiro de 1822, foi talvez em fins de Março ou principio de Abril, e a chegada tambem em Abril, do que se não está bastante certo, e cuja pequena differença pouco influe.

---

# ERRATA.

---

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
5	2	agrandecimentos	agradecimentos
9	9	Bra,il	Brazil.
2	17	famoso	formoso
49	21	glaria	gloria
52	28	os	as
73	24	consituinte	constituinte
,	29	ad	da
74	26	pernambucas	pernambucanas.

---